



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ELIAS MARCIEL SOARES

**PELA HISTÓRIA DA NOSSA GENTE: o Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso
de Malhador/SE (1968 – 1977)**

**Itabaiana
2019**

ELIAS MARCIEL SOARES

PELA HISTÓRIA DA NOSSA GENTE: o Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso de
Malhador/SE (1968-1977)

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do
Departamento de Educação do Campus
Universitário Prof. Alberto Carvalho, da
Universidade Federal de Sergipe, como requisito
para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

Itabaiana
2019

ELIAS MARIEL SOARES

PELA HISTÓRIA DA NOSSA GENTE: o Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso de
Malhador/SE (1968-1977)

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do
Departamento de Educação do Campus
Universitário Prof. Alberto Carvalho, da
Universidade Federal de Sergipe, como requisito
para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

Aprovada em: 26 de agosto de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira
Departamento de Educação (DEDI-UFS)

Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira
Departamento de Educação (DEDI) - UFS

Profa. Me. Leandro dos Santos
Doutorando em Educação - PPGED/UFS

Itabaiana
2019

A Deus por ter me dado força em todos os momentos.

A João Paulo, pela confiança, paciência e motivação.

A minha família, pelo amor de sempre.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por toda força que tem me dado todos os dias para continuar lutando por um futuro melhor, pela minha saúde e por colocar pessoas especiais em minha vida. OBRIGADO, SENHOR!

Aos meus pais, Daniela e José Onias, por terem me dado todo amor e carinho, por cada esforço que fizeram para me oferecer educação e tudo que eu sempre precisei. Tenho pais fantásticos. Obrigado por todo amor e carinho!

À minha amada esposa, Ana Paula, e meu amado filho, Thales, por terem me ensinado o sentido de ser pai, por todo amor e carinho que oferecemos uns aos outros diariamente. Ao mesmo tempo, aproveito para pedir desculpas por todas as noites que estive ausente no período da graduação. Eu amo vocês demais!

Às minhas irmãs, Joyce e Mikaele, pelo amor e companheirismo de todas as horas. Irei sempre “pegar no pé” das duas. Amo vocês!

Aos meus avós maternos, Julia e Lourival, por me amarem tanto e por sempre me incentivaram a estudar desde que eu era pequeno. Meu amor por vocês é imenso!

Ao Colégio Nota Dez por ter me oferecido educação de qualidade e perceber que através dos estudos eu poderia ir bem mais longe. Aos meus amigos e eternos professores Andeson e Alisson por depositarem tanta confiança em mim e por me oferecerem inúmeras oportunidades. Serei eternamente grato por tudo!

Aos meus professores do Ensino Fundamental e Médio que hoje se tornaram não só colegas de trabalho, mas meus grandes amigos, Professora Eliene, Professor Paulo, Professora Rita de Cássia, Professor Jones Clécio, Professora Regina e Professor Clesberton (Prof. Kbça). Este último por ter me dado a oportunidade de ser atleta e, consequentemente, bolsista do Colégio Nota Dez. Vocês são muito especiais e têm um lugar especial em meu coração.

À equipe diretiva do Colégio Estadual José Joaquim Cardoso pela confiança e credibilidade, constantemente muito educados e cordiais, recebendo-me com muita atenção todas às vezes que precisei visitar a instituição. Agradecimento, em especial, à coordenadora Regina e ao coordenador Jones por sempre me receberem de braços abertos.

Agradeço a todos os entrevistados, dona Ruthe Alves de Mendonça e os senhores Francisco Reis de França, Valter Rubens Gonçalves de Lima e José Raimundo Menezes, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho. Meu muito obrigado!

À Professora Mestra Monique, pela amizade e por nunca ter se negado a corrigir meus textos. Muito obrigado!

Aos meus amigos que convivi ao longo da minha jornada acadêmica: Marcela, Jéssica Anjos, Maysa, Viviane, Ana Paula, Thaís Luzia, Vanessa, Izadora, Kalinka, Bárbara, Tatiane, Amanda Kely, Amanda Moraes, Silvani, Patrícia, Josefa, Marquise, Sheila, Jessica Souza, Natália, Daiane, Iara, Gabi, Ketly, Lesley. Foram vários momentos de alegria e de dificuldade compartilhados. Agradeço pela amizade e irei levar vocês por toda minha vida.

Ao meu orientador, João Paulo Gama, excelente profissional, ser humano incrível que nunca se negou a me ajudar e que sempre me deu forças quando eu achei que nunca iria conseguir. Agradeço imensamente por ter colaborado pela minha formação profissional e pessoal, aprendi muito todo esse tempo que passamos juntos. Serei eternamente grato por tudo!

Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para constituição deste trabalho, o meu muito obrigado!

RESUMO

A presente monografia propõe investigar os aspectos históricos que permeiam o Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso (GERJJC), situado na cidade de Malhador no Estado de Sergipe. Dessa forma, buscamos compreender como ocorreu o processo de implantação e os primeiros anos de funcionamento do Grupo no município, bem como identificar e discutir a importância da referida instituição para o desenvolvimento de Malhador. O recorte temporal concentra-se entre 1968 a 1977, pois se refere ao período em que os entrevistados vivenciaram as práticas educativas dessa instituição de ensino. Optamos por fazer o uso de fonte oral por meio de entrevistas, como também fontes documentais encontradas nos arquivos do atual Colégio Estadual José Joaquim Cardoso e no Arquivo Público do Estado de Sergipe. Quando se pensa em escola, uma das primeiras lembranças que nos vem à cabeça está relacionada a um prédio. Isso acontece porque a escola é um lugar planejado no espaço e formado por uma estrutura arquitetônica na qual estão presentes práticas vinculadas a processos de ensino aprendizagem. Portanto, o estudo da cultura escolar do GERJJC possibilita o entendimento de processos escolares históricos e atuais presentes na escola. Desse modo, por meio das leituras somadas à pesquisa em acervos e entrevistas, tornou-se possível perceber o quanto se torna relevante entender o histórico de uma instituição. Concluímos que o GERJJC foi uma instituição educacional significativa para a comunidade malhadoreense, uma vez que foi considerado como um sistema inovador para a época e, hoje, é tido como um marco importante da história da cidade para a população local.

Palavras-chave: Grupo Escolar. História da Educação. Escola Rural. Malhador/SE.

ABSTRACT

This monograph proposes to investigate the historical aspects that permeate the José Joaquim Cardoso Rural School Group (GERJJC), located in the city of Malhador in the state of Sergipe. Thus, we seek to understand how the implementation process occurred and the first years of operation of the Group in the city, as well as to identify and discuss the importance of this institution for the development of Malhador. The time frame is concentrated from 1968 to 1977, as it refers to the period in which the interviewees experienced the educational practices of this educational institution. We chose to make use of oral sources through interviews, as well as documentary sources found in the archives of the current José Joaquim Cardoso State College and in the Sergipe State Public Archive. When you think of school, one of the first memories that comes to mind comes from a building. This is because the school is a place planned in space and formed by an architectural structure in which practices linked to teaching-learning processes are present. Therefore, the study of the GERJJC's school culture enables the understanding of historical and current school processes present in the school. Thus, through the readings added to the research in collections and interviews, it became possible to realize how relevant it is to understand the history of an institution. It is concluded that GERJJC was a significant educational institution for the community of malhadorenses, since it was considered as an innovative system for the time, and today is considered an important landmark of the city's history for the local population.

Keywords: School group. History of Education. Rural school. Malhador/SE

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Recibo de compras realizadas no Armazém do senhor Antônio Vieira Santos.	29
Figura 2 -	Termo de abertura de matrícula do GERJJC em 1968	34
Figura 3-	Colégio Estadual José Joaquim Cardoso em 2019	35
Figura 4 -	Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso na década de 1960	39
Figura 5 -	Foto da década de 1960 da Praça 25 de Novembro, localizada no centro da cidade de Malhador/SE	41
Figura 6 -	Desfile de 07 de setembro em Malhador/SE na década de 1960.	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Quantitativo de alunos e professoras do povoado Saco Torto no período de 1935 a 1937.....	23
Quadro 2 -	Quantitativo de alunos e professoras do povoado Alecrim no período 1937 a 1940	23
Quadro 3 -	Unidades de Ensino Primário criadas em 1970	28

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Dados gerais sobre as matrículas no Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso, no ano de 1968	30
Gráfico 2 -	Idade dos alunos da 1ª série do ano de 1968 do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso.....	31
Gráfico 3 -	Idade dos alunos da 2ª série do ano de 1968 do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso.....	32
Gráfico 4 -	Idade dos alunos da 3ª série do ano de 1968 do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso.....	32
Gráfico 5 -	Idade dos alunos da 4ª série do ano de 1968 do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GERJC	Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso
APES	Arquivo Público Estadual de Sergipe
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
COLTED	Comissão do Livro Técnico e Didático

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	DA IMPLEMENTAÇÃO A EXPANSÃO DOS GRUPOS ESCOLARES EM SERGIPE: LEITURAS SOBRE O TEMA	20
3	EDUCAÇÃO PRIMÁRIA EM SERGIPE ENTRE AS DÉCADAS DE 30 A 60: LEITURAS	28
4	A RELAÇÃO ENTRE O GERJJC E O MUNICÍPIO DE MALHADOR/SE: DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO.....	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	Referências	50
	Apêndices	52
	Anexos	54

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia propõe investigar os aspectos históricos que permeiam o Grupo Escolar José Joaquim Cardoso (GEJJC), situado na cidade de Malhador, estado de Sergipe. A referida instituição hoje é denominada de Colégio Estadual José Joaquim Cardoso e foi fundada na década de 1960, sendo uma das mais importantes instituições de ensino do município.

Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo geral compreender como ocorreu a implantação e os primeiros anos de funcionamento do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso no município de Malhador/SE. Assim, tomamos como objeto de estudo os Grupos Escolares Sergipanos, por serem modelos de escola para a população daquela época e por estarem em destaque nos discursos políticos acerca da educação. Diante da vastidão do tema, focamos no GEJJC. Além disso, temos como objetivos específicos: analisar a importância do grupo escolar para o desenvolvimento do município e discutir a relação entre o GERJJC e aspectos da história do município de Malhador/SE.

O título desta monografia, “Pela história da nossa gente: o grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso de Malhador/SE (1968-1977)”, foi escolhido devido à necessidade de escrever elementos da história do município por meio de uma instituição de ensino, ou seja, por meio de memórias de ex-alunos e ex-professores que compuseram a instituição selecionada, pois, nessa escola, passaram pessoas significativas para o desenvolvimento de Malhador. Percebemos que os jovens da atualidade não conhecem a trajetória da cidade e, com esse trabalho, esperamos dar início a novos escritos que contribuam para a divulgação e a manutenção da história da nossa cidade.

Pesquisar sobre a educação em uma perspectiva histórica é uma forma de compreender os caminhos que uma sociedade, numa determinada época, viveu, é conhecer os aspectos de uma instituição de ensino e é fazer com que a história conquiste mais espaço e não seja esquecida pela população.

Efetivamente, tivemos apressa por assuntos relacionados à História e, inicialmente, foi pensado em escrever sobre o Grupo Escolar São José que fica localizado na mesma cidade e que teve uma iniciativa privada e ligação com a igreja católica. Essa instituição foi fundada a partir do interesse do Padre Rezende, um homem que tem bastante prestígio no município e que dava bastante importância ao grau de instrução dos habitantes. Então, ao fazer leituras sobre os grupos escolares, fomos nos interessando pelo tema devido a todo um processo de

formação da sociedade, sendo que os grupos escolares foram instituições que sugeriram com a finalidade de (des) construir costumes e produzir uma sociedade mais instruída.

Fomos instigados a pensar no GERJJC, pois este, como dito anteriormente, é considerado uma das instituições mais importantes e antigas em funcionamento do município. Outro incentivo nesta pesquisa parte da necessidade de desvendar em qual ano foi sua fundação, já que, na escola, não existem mais documentos ou placas que indiquem essa informação.

Sendo assim, o interesse em pesquisar o referente tema justifica-se pela contribuição ao estudo da História da Educação do município de Malhador/SE, além de que os grupos escolares constituem-se como uma das mais importantes instituições sociais criadas no início da República e que, no caso específico, contribuiu para a mudanças da comunidade malhadorenses. Outro ponto que explica o nosso interesse pelo tema é a falta de estudos sobre a história do município, sendo que a mesma valoriza a cultura de um povo. Ademais, o tema integra o projeto maior "História da Educação Primária no agreste sergipano" que já tem desenvolvido trabalhos sobre grupos escolares, entre outros¹.

O município de Malhador está localizado no agreste do estado de Sergipe, a 49 quilômetros da capital Aracaju e, segundo o IBGE de 2018, estima-se uma população de 12.691 habitantes. Seu nome originou-se da ação de vaqueiros de cidades vizinhas ao trazer seu rebanho de gados para malhar nas terras do município. Segundo o dicionário Aurélio, Malhar² significa estar (o gado) na malhada, protegendo-se da soalheira; Reunir-se (o gado) para pastar de acordo com a hora e em lugares determinados.

Etimologicamente, o termo Malhador significa lugar plano onde o gado se deita para descansar. Podemos deduzir, então, que a primeira povoação teve origem semelhante à de outros municípios de Sergipe, em um curral de gado ou mesmo uma grande fazenda. Segundo a obra de Ariosvaldo Figueiredo "*A história de Malhador*" de 1979, alguns moradores tentaram uma vez mudar seu nome e chamá-lo de São José, mas a experiência não foi exitosa. Atualmente, Malhador é conhecido como a terra do inhame devido à grande produção da raiz, mas em todo o seu território é cultivado diversos outros produtos, como o milho, batata doce, banana, mandioca e feijão.

Ainda segundo Figueiredo (1979), a povoação inicial de Malhador, depois de 1602, está ligada aos colonizadores de Itabaiana. É uma hipótese essa penetração e, mesmo

¹ Dentro do Projeto em desenvolvimento na linha dos Grupos Escolares merecem destaque as monografias de Reis (2017) e Santos (2018a) que estudam sob diferentes perspectivas o Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves de Arei Branca/SE e os trabalhos de Santos (2018b) e Santos e Oliveira (2018) acerca do Grupo Escolar Guilhermino Bezerra de Itabaiana/SE.

sendo historicamente verdadeira, nunca superou a influência exercida pela cidade de Riachuelo, já que essa dependência trouxe para o município a produção da cana-de-açúcar.

Em *História do Município de Malhador*, Ariosvaldo Figueiredo (1979) relata que na cidade havia uma disputa política entre dois grandes engenhos, a saber: o Tinguí, comandado pelos Pebas e cujo dono era Pedro Menezes, e o Canto Alegre que era dos Cambaús e seu dono era José Sotéro de Sá Barreto. Segundo a obra, é a partir daí que surge a feira de Malhador e, com o crescimento do comércio, em 1920, Malhador passa a ser o povoado mais importante de Riachuelo. Os alambiques eram uma das poucas indústrias do local, comprava e importava o mel de engenho e produzia sua própria cachaça.

O algodão foi muito importante para o desenvolvimento do município, sua plantação se estendia por grades extensões e abastecia a indústrias de Maruim e de Aracaju. Algumas pessoas também foram responsáveis pelo crescimento da cidade, tais como Sergio Costa, Antônio Eliotério, Cândido Brito, Manoel Vieira dos Anjos, José Joaquim de Oliveira Reis e Gonçalo da Cruz, sendo este último responsável por ensinar as primeiras letras.

Figueiredo (1979) ainda afirma que, quando Riachuelo se tornou vila, em 1874, Malhador passou a ser dependente dela. Só em 1953, a Assembleia Legislativa do Estado decretou e o Governador Arnaldo Rollemberg Garcez sancionou a Lei nº 525-A, de 25 de novembro, instituindo que Malhador passaria a ser independente de Riachuelo.

Ainda segundo Azevedo (1979), no início, o ensino de Malhador não era valorizado pela população muito menos pelos governantes. Os primeiros professores eram Gonçalo da Cruz, as professoras Mariquinha, Menininha (como eram conhecidas), Maria Rollemberg Mendonça e Maria Eulina Tavares de Melo. Nenhum desses eram diplomados e a maioria dos professores particulares cobrava muito pouco para ensinar. Assim, o ensino da época era voltado para a leitura, ditado e tabuada, pois a prioridade era aprender ler, escrever e fazer conta.

A partir dos estudos da história local e para desenvolver este trabalho, inicialmente visitamos o Colégio Estadual José Joaquim Cardoso (antigo GERJJC) e o Arquivo Público Estadual de Sergipe (APES). Optamos por fazer o uso de fonte oral baseado na história de três (03) ex-alunos, uma (01) ex-professora, além de funcionários da atual gestão e levantamento de documentos no APES. Lá foi encontrado o Livro de Ponto Diário da Escola Isolada do número 12, do povoado Saco Torto, de 1935; Livro de Ponto Diário da Escola Isolada do povoado Alecrim, de 1937; Portarias; Quadro Demonstrativo dos Grupos Escolares; Escolas Reunidas; Escolas Isoladas Estaduais Municipais e Particulares; e nomes dos respectivos professores; Termo de Promoção da professora Umbelina Rollemberg de

Mendonça que é datado de 1º de dezembro de 1916. Na própria escola, foi possível encontrar documentos como decretos, livros de ponto, atas de reuniões, livro de ponto diário, diários, fichas de matrícula.

No acervo da escola, encontramos diários de classe a partir de 1975 e focamos até os de 1977. Além disso, foram encontrados livros de pontos de 1968, recibo de compras de 1967, registros de portarias de 1966 a 1986, registros de matrícula de 1968, 1979 e 1995, COLTED (Comissão do Livro Técnico e Didático) de 1967 a 1974, lista de férias de funcionários de 1975, ficha individual do pessoal docente de 1981, 1982, 1983 e 1984, ata de rendimento escolar, ata de resultados finais e ata de reuniões pais e mestres.

Começamos a pesquisa em abril de 2018 e, como dito, pensamos em escrever sobre a história da educação de Malhador/SE, mais precisamente sobre o Grupo Escolar São José devido à sua ligação com a igreja e com o Padre Rezende que é considerado uma das pessoas com mais prestígio na cidade devido às suas contribuições para a educação e para o desenvolvimento do município. Mudamos o foco do tema devido tanto ao encanto que foi despertado a partir das leituras realizadas sobre grupos escolares quanto ao fato de que, segundo informações da atual gestão da Escola Estadual São José, a instituição referida não possui mais nenhum documento desde a sua fundação até início dos anos 80, pois houve um incêndio no acervo documental da escola, e a falta dessas fontes poderia nos oferecer empecilhos para continuar nossa pesquisa. Em setembro do mesmo ano, conversamos com o senhor Francisco Reis de França Junior, diretor do Colégio Estadual José Joaquim Cardoso, sobre a possibilidade de investigar sobre a história da instituição para fazer a monografia. Perguntamos se na escola havia documentos que pudessem nos ajudar nas pesquisas e o mesmo nos mostrou alguns materiais da década de 70, como diários, pasta de alunos e resoluções. Disse também que havia mais materiais do nosso interesse, só que era necessário procurar com mais tempo e que nós poderíamos fazer isso. A partir desse momento, começamos a escrever sobre o GERJJC.

Foi a partir das fontes orais que pudemos mergulhar nas memórias de quatro (04) pessoas, podendo perceber os valores culturais construídos e reinterpretados sobre o grupo escolar em que estudaram/ensinaram. Nesse sentido, segundo Amado e Ferreira,

[...] a pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes, seja ela por valor informativo, seja por seu valor simbólico, incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas porque tradicionalmente relacionados apenas

a indivíduos, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano.
(AMADO, FERREIRA, 2006, p. 14)

Nesse sentido, segundo Pollak (1989), para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos, é preciso também que não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruídas sobre uma base comum. Pollak (1989) destaca também que a memória não se resume apenas à vida de uma pessoa, mas também é uma construção coletiva, um fenômeno construído, organizado a partir do presente, e em parte herdada.

Ao tentar confrontar os discursos oficiais com as narrativas de história de vida dos entrevistados, buscamos ampliar ainda mais o nosso conhecimento acerca do tema e, assim, perceber os sentidos atribuídos à implantação do referido grupo no município. Foi selecionado para as entrevistas o senhor Francisco Reis de França, aluno do GERJJC no ano de 1968, também entrevistamos o senhor Valter Rubens Gonçalves de Lima, aluno do mesmo Grupo Escolar na década de 1970 e a senhora Rute Alves de Mendonça, uma das primeiras professoras do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso. Com a finalidade de coletar informações importantes, conversamos informalmente com o senhor José Raimundo Menezes, o qual é considerado uma das pessoas com muito conhecimento acerca da história de Malhador.

A pesquisa sobre essa temática nos ajuda a entender como eram vistas e discutidas as ideias sobre políticas educacionais que interferiam no cotidiano dos grupos escolares. Assim, ao levar em consideração os discursos presentes nos documentos oficiais, e diante das lembranças das pessoas entrevistadas, fizemos alguns questionamentos: Como se configurou o processo de implantação do grupo escolar em Malhador? Como era o seu cotidiano e quais as práticas educativas eram adotadas? Qual a contribuição da referida instituição para os malhadorenses?

Quando se pensa em escola, uma das primeiras lembranças que nos vem à cabeça está relacionada a um prédio. Isso acontece porque a escola é um lugar planejado no espaço e formado por uma estrutura arquitetônica na qual estão presentes práticas vinculadas a processos de ensino aprendizagem. Para Felgueiras (2010), o espaço próprio, currículo estruturado por níveis de ensino e corpo profissional especializado seriam os três elementos indispensáveis para a constituição de uma cultura escola, que, por razão, delimita-se entre os séculos XVI e o XIX. A partir dessa perspectiva, devemos considerar a escola como uma instituição com cultura própria.

Para entendermos o conceito de cultura escolar, fizemos a leitura da obra de Margarida Louro Felgueiras, *“Cultura Escolar, Migrações e Cidadania”* (2010). Segundo a autora, a cultura escolar traz como foco a escola não apenas enquanto local de aplicação de regras e determinações exteriores, mas, sobretudo, como organização produtora, ela própria, de regras e relações capazes de constituírem um espaço organizacional.

Felgueiras (2010) afirma que “a cultura é definida como conjunto de resultados materiais, fruto de ações distintas inspiradas por uma mesma tradição (FELGUEIRAS 2010, p.27). A partir dessa análise, entendemos que a cultura escolar é adquirida na escola e encontra nela seu modo de difusão e de origem.

Portanto, o estudo da cultura escolar do GERJJC possibilita o entendimento de processos escolares históricos e atuais presentes na escola. Podemos entender também esses processos a partir de pesquisas sobre a cultura material escolar, uma vez que, para Felgueiras (2010), através da cultura material escolar, revela-se uma civilização que cria a escola e ao mesmo tempo a sociedade que é criada pela escola. Dentro dessa perspectiva, pensamos o estudo da cultura escolar no GERJJC.

Segundo Vidal e Faria Filho (2007), herdamos do período colonial um número muito reduzido de escolas régias ou de cadeiras públicas de primeiras letras. Ainda segundo os autores, eram escolas cujos professores eram reconhecidos ou nomeados pelos órgãos de governos responsáveis pela instrução e geralmente as aulas eram ministradas em suas casas. Consequentemente o principal objetivo dessas aulas eram de ensinar a ler e escrever, pois se acreditava que era o método mais rápido e eficaz de tornar um cidadão alfabetizado.

Com o passar dos anos e com diversas discussões acerca da importância de cidadãos instruídos na sociedade, foi percebendo-se a necessidade da construção de um espaço específico para a escola. Conforme Vidal e Faria Filho (2007), no Brasil, a educação escolar, ao longo do século XIX, vai, progressivamente, assumindo as características de uma luta do governo do estado contra o governo de casa. Os autores entendem que, ao afastar a escola do recinto doméstico, afastaria, consequentemente, as tradições culturais que permeiam aquele ambiente, de modo que a escola é que deve ter o papel de desenvolver uma função social específica, o de ensinar.

Vidal e Faria Filho (2007) apontam que

[...] Já no fim do século XIX, muitas das mudanças afirmadas como novidades pelo “escolanovismo” nos anos 20 povoavam o imaginário da escola e eram reproduzidas, como prescrição, nos textos dos relatórios de inspetores e nos preceitos legais: a centralidade da

criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno (VIDAL, FARIA FILHO, 2007, p. 497)

É justamente nesse período em que as mudanças educacionais acontecem, já que o centro da aprendizagem se desloca do professor e vai para o aluno. Esse novo movimento faz parte do ideário de Escola Nova que surgiu para contrapor o que era considerado tradicional. Para Vidal (2007, p.515), nesse movimento, mais do que atualizar os princípios e as práticas educativas do fim do século XIX, a escola nova promoveu, nos anos 20, rupturas nos saberes e fazeres escolares. Ainda segundo a referida autora, não se constituiu um novo modelo escolar, mas produziram novas formas e alterou a cultura escolar.

Para discorrer sobre o assunto brevemente apresentado, o trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro discute como se deu o processo de implantação de alguns grupos escolares em Sergipe, com foco no Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso, discutindo informações obtidas por meio de diversas pesquisas bibliográficas realizadas por distintos autores que falam sobre grupos escolares. O segundo capítulo refere-se à Educação Primária em Sergipe entre as décadas de 1930 a 1960. O terceiro capítulo trata da relação entre o GERJJC e o município de Malhador/SE, como também o desenvolvimento da cidade através da educação. Por fim, apresentamos as considerações finais, apêndice com roteiro das entrevistas e anexos com alguns dos documentos encontrados no Colégio Estadual José Joaquim Cardoso, antigo GERJJC.

2 DA IMPLEMENTAÇÃO A EXPANSÃO DOS GRUPOS ESCOLARES EM SERGIPE: LEITURAS SOBRE O TEMA

Levando em consideração a finalidade deste estudo, a proposta deste capítulo é descrever como ocorreu a implantação de alguns grupos escolares em Sergipe e como aconteciam as práticas pedagógicas adotadas por essas instituições de ensino. Para descrever sobre essa temática, foi necessário fazer levantamentos escritos sobre os grupos relacionando à implantação desse modelo educacional no estado com o objetivo deste trabalho, que busca compreender a trajetória do Grupo Escolar José Joaquim Cardoso, assim como entender como se deu sua implantação no município de Malhador.

Dessa forma, analisamos as transformações no campo educacional ocorridas no passado através de trabalhos de alguns pesquisadores que nos trouxeram informações relevantes para a construção desta monografia. Esses estudiosos são colocados em diálogo, pois, assim, oferecer-nos-ão subsídios para uma melhor compreensão dos aspectos das primeiras escolas denominadas de grupos escolares.

Para atingir tal fim, dialogaremos com estudos que tratam da educação primária em Sergipe no século XX, tomando como embasamento autores como Crislane Barbosa de Azevedo e sua obra *Grupos Escolares em Sergipe (1911-1930): Cultura escolar e civilização da escolarização da infância*; Magno Francisco de Jesus e sua dissertação *Ecos da Modernidade, Arquiteturas dos Grupos Escolares Sergipanos (1911-1926)*. Vale salientar que existem outros trabalhos que tratam sobre os grupos escolares, todavia optamos por esses dois por apresentarem um panorama geral dos Grupos Escolares em Aracaju e Sergipe.

Sendo assim, de acordo com Azevedo (2009), os grupos escolares foram implantados em Sergipe, em 1911, fruto da Reforma Rodrigues Dória, a qual aprimorou o ensino primário, que passou a ser ministrado em escolas isoladas e grupos escolares. A partir dessa informação, percebemos que esse processo de implantação faz parte de um momento modernizador e civilizatório no estado, visto que é a partir desse momento que a sociedade passa a identificar a escola como instituição específica para o ensino, já que antes as escolas isoladas não possuíam prédios próprios e específicos para os trabalhos escolares. Dessa forma, os professores atendiam os alunos em suas casas e essa assistência acontecia com estudantes de diversas idades e diversos anos do ensino primário.

A implantação dos grupos escolares em Sergipe, no século XX, passou a desempenhar uma dupla função. Segundo Santos (2009),

[...] a primeira a de monumento, de delegar uma imagem de si para o futuro, de criar representações e legitimar os respectivos grupos políticos, A segunda era de promover o embelezamento da cidade auspiciava ser vista como moderna (SANTOS, 2009, p. 90)

Ainda no que diz respeito ao plano arquitetônico dos grupos escolares, era necessário chamar atenção da sociedade para a sua grandiosidade e perfeição dos seus prédios. De modo geral, os grupos eram construídos em locais estratégicos para dar mais visibilidade e, de início, foram construídos em cidades mais desenvolvidas economicamente. Na construção desses prédios, havia uma preocupação com as práticas corporais e higiênicas tanto dos pátios quanto das salas de aula.

Devido a essa preocupação com o desenvolvimento físico das crianças, Azevedo (2009) afirma que os pátios eram os lugares mais adequados para a prática dos exercícios físicos. Podemos perceber que, por trás desse pensamento, existia uma intenção de desenvolver nos alunos virtudes patriotas e de disciplinar o corpo através da higiene. É evidente que os cuidados com a saúde eram uma das prioridades das instituições, pois essas ações eram uma forma de prevenir a população de doenças que atacavam a sociedade nesse período.

Ainda segundo Azevedo (2009),

A cultura escolar da modernidade traz em si um grande objetivo, o de servir como fonte de um padrão cultural com vistas a uma reorganização de comportamentos que devem se orientar basicamente pela disciplinarização dos corpos e da consciência do povo. (AZEVEDO, 2009, p. 31)

Interpretando essa afirmação, entendemos que os grupos escolares concebiam à população novos hábitos para tornar os cidadãos escolarizados e promover princípios de uma sociedade desenvolvida intelectualmente que respeitasse a ordem social. Essas instituições também trouxeram inovações pedagógicas e dialogavam com a modernidade, arquitetura e modelo de escola inovadora.

Conforme Santos (2009), os primeiros grupos edificadas em Sergipe seguiram a tendência arquitetônica dos grupos paulistas, criando uma discrepância no cenário urbano das cidades em que eram construídos. A ideia desses grupos era atender uma grande quantidade de alunos e fazer com que todos tivessem acesso a métodos de conteúdos e à disciplina, sendo que sua implantação trouxe diversas mudanças não só para o ensino, mas também para a vida da sociedade sergipana da época. Ainda segundo Santos (2009), os grupos escolares se tornaram os maiores símbolos do ensino primário, responsáveis diretos pela construção da identidade escolar e fortalecimento da imagem da escola.

Esses grupos tiveram uma boa relação com a urbanização das cidades e, conseqüentemente, acabaram contribuindo para consolidação desse novo tipo de escola, já que, para Azevedo (2009), a modernização do país estava associada à educação pública, responsável quer pela grandeza ou pela inferioridade da nação. Partindo na mesma linha de pensamento, Santos (2009, p. 38) afirma que os grupos escolares no alvorecer do século XX eram vistos como símbolos maiores da modernidade na esfera educacional. Ainda segundo o autor, os grupos reuniam praticamente todos os princípios intrínsecos dos tempos modernos, como a agilidade, ordenação, higiene, eficácia e vigilância.

Esse novo modelo de escola deveria possibilitar um novo contexto de civilidade, buscando transformar as cidades em ambientes bonitos e modernos que fossem facilmente vistos e prestigiados pela sociedade. A construção dessas instituições foi pensada com características físicas voltadas para a boa circulação de ar, luminosidade que transparecesse uma característica de ambiente limpo. Azevedo (2009) afirma que a instalação de um grupo escolar se revestia de toda a cerimônia, pois o “templo do saber” era posto como representação de progresso e desenvolvimento.

No interior de Sergipe, os grupos escolares surgiram a partir de uma lógica de desenvolvimento econômico e de crescimento populacional. Santos (2009) explica que, para entendermos o processo de disseminação dos grupos pelo interior sergipano, é necessário esquadrihar o contexto sócio-político do estado daquele período. Ainda segundo o autor,

[...] A escolha das cidades que seriam beneficiadas com a edificação de uma das escassas ilhas de civilização não era realizada aleatoriamente. Podemos induzir que existiam alguns critérios que deveriam ser observados pelas lideranças políticas da República Velha em Sergipe. Os coronéis de maior capital simbólico, que ocupavam cargos do estado deveriam ter interferência nesse processo de seleção das cidades que passariam pelo embelezamento e modernização do ensino. (SANTOS, 2009, p. 74)

Esses pontos nos revelam como se dá o nome dos grupos escolares em nosso estado. Na obra de Crislane Barboza de Azevedo, *Grupos Escolares em Sergipe (1911-1930): Cultura escolar e civilização da escolarização da infância*, foi possível descobrir que a expansão de grupos pelo estado era uma necessidade estabelecida pelo Presidente Siqueira de Menezes, mas que a iniciativa para construção se deu no governo do Presidente General Oliveira Valladão (1914-1918), com a implantação do Grupo Escolar Coelho e Campos, na cidade de Capela em 1918. Santos (2009, p. 138) releva que, dos 14 grupos criados em 1911 e 1926, quatro surgiram a partir da ação de particulares, que doaram terrenos ou o prédio para que funcionasse a escola ícone da modernidade, sendo que a cidade de Capela foi uma delas.

Ainda de acordo com Santos (2009),

[...] em 1918 o ministro José Coelho e Campos inaugura uma nova forma de criação da memória política em Sergipe, com a doação de um sobrado na cidade de Capela para a instalação de um grupo com seu nome. Na praça arborizada nascia o primeiro grupo escolar do interior sergipano. Denotando que o ministro estava fazendo de sua terra natal a pioneira no ingresso nos rumos da modernidade. Capela mesmo sem deter seu poderio econômico como em outrora, se tornou a primeira cidade do interior sergipano a ter um grupo escolar. (SANTOS, 2009, p. 138)

Em Malhador, o GERJJC recebeu esse nome devido a uma homenagem ao pai do primeiro prefeito do município, João Ribeiro Cardoso, que teve seu mandato nos anos de 1955 a 1958. Acreditamos que o referido grupo foi construído em terreno doado pelo gestor. O surgimento do grupo escolar em Malhador poderia ser realmente a necessidade de aumentar os números de matrícula ou apenas uma estratégia política, visto que, a partir dessa visão, Santos afirma que,

[...] por motivos econômicos, políticos ou como estratégias de distribuição para melhor atender às demandas do estado, há que se considerar que a presença dos grupos escolares em cidades do interior atribuía ao local um destaque diante dos outros municípios, pois a presença da escola graduada simbolizava e evidenciava que ali deveriam ser disseminados os ideais republicanos. (SANTOS, 2009, p. 37)

Partindo dessa mesma perspectiva, Santos e Oliveira (2018) afirmam que a educação primária passou a ser alvo dos comentários da sociedade, ganhando um olhar mais específico, no qual as “escolas de improviso, ditas escolas isoladas” que utilizavam de métodos mútuos e tidas como pouco eficiente abriam espaço para as “escolas símbolos da modernidade”. (SANTOS; OLIVEIRA, 2019, p. 4). Em Malhador, com o movimento de implantação do GERJJC, os discurso da sociedade passam por mudanças, já que tais constatações podem ser realizadas a partir das entrevistas e conversa informal com o senhor José Raimundo Menezes, o qual afirma que ter um grupo escolar em sua cidade era um feito grandioso para aquele local, já que esse modelo de instituição só poderia existir em cidades consideradas poderosas economicamente. Assim, é possível perceber que o poderio econômico de algumas autoridades foi um dos fatores preponderantes para a construção do grupo escolar em cidades do interior. Os governantes da época justificavam que o principal agravante para tais construções se dava à deficiência em adquirir recursos financeiros. Azevedo (2009) afirma que, depois da implantação do Grupo Escolar Coelho e Campos em Capela, restariam ainda cinco anos de espera para que novos grupos fossem implantados no interior sergipano.

Para Santos (2009, p. 66), a maior disseminação dos grupos escolares em Sergipe ocorreu no governo de Graccho Cardoso (1922-1926), pois ele deu seguimento a construções não concluídas pela gestão que o antecedeu e aproveitou-se também da estabilidade econômica em que estado se encontrava. Só no governo de Graccho Cardoso foram inaugurados os seguintes grupos no interior sergipano: “Gumerindo Bessa”, em Estância (1923); “Olympio Campos”, em Neópolis (1923); “Vigário Barroso”, em São Cristóvão (1923); “Sílvio Romero”, em Lagarto (1923); “Coronel João Fernandes”, em Propriá (1924); “Severiano Cardoso”, em Boquim (1925); e “Fausto Cardoso”, em Simão Dias (1925). (AZEVEDO, 2009, p.111).

A partir dessas construções, percebemos que as cidades do interior de Sergipe passam por um processo de modernização que foi vivido na década anterior na capital do estado. Esse processo de expansão dos grupos escolares consequentemente possibilitou levar um ensino planejado e seriado para um maior número de crianças. “A implantação de uma nova cultura escolar primária materializava-se através dos grupos escolares”. (AZEVEDO, 2009, p.117)

Os grupos escolares eram templos de civilização que aos poucos foram adentrando na paisagem urbana das principais cidades brasileiras. De acordo com Vidal (2005, p. 7), conforme citado por Santos (2009, p. 74),

[...] Os grupos Escolares emergiram ao longo das duas primeiras décadas republicanas nos estados do Rio de Janeiro (1897); do Maranhão e do Paraná (1903); de Minas Gerais (1906); da Bahia, do Rio Grande do Norte, do Espírito Santo e de Santa Catarina (1908); do Mato Grosso (1910); de Sergipe (1911); da Paraíba (1916) e Piauí (1922) e somente foram extintos em 1971, com a promulgação da Lei 5692 (VIDAL, 2005, p. 7 *apud* SANTOS, 2009, p. 74).

Não foram encontrados documentos oficiais que confirmem o ano de fundação do primeiro grupo escolar de Malhador. No Arquivo Público de Sergipe, encontramos uma cópia do termo de promoção da professora Umbelina Rollemberg de Menezes, da escola do povoado Malhador para uma instituição que não foi discriminada nesse mesmo documento que é datado de 1 de dezembro de 1916 (SERGIPE, 1916). Também não foram encontradas mais fontes desse período que se remetem à educação do município, não sendo possível identificar quantas e quais eram as escolas do antigo povoado.

Ainda no Arquivo Público de Sergipe, encontramos o Ponto Diário da Escola Isolada mista de número 12, do povoado Saco Torto, do ano de 1935. Esse povoado pertencia ao município de Riachuelo e passou a pertencer ao município de Malhador em 1953. A referida

escola tinha como professora a senhora Marcinalia Silva e continha 50 alunos. Nesse mesmo documento, constavam os registros dos anos de 1936 e 1937. No último ano do registro, havia 39 alunos matriculados, sendo 25 do sexo masculino e 14 do sexo feminino (SERGIPE, 1935).

Encontramos também o livro de Ponto Diário do Povoado Alecrim, do ano de 1937 a 1940, que também pertencia ao município de Riachuelo. Em 1937, foram identificados os nomes de 39 alunos, sendo 25 do sexo masculino e 14 do sexo feminino, que tinham como professora a senhora Margarida de Andrade Souza. Com o passar dos anos, percebemos que o registro de alunos matriculados sofre um decréscimo; em 1939, passa a ter 28 alunos e a professora era a senhora Anita Almeida da Conceição (SERGIPE, 1935). Em 1940, esse número cai para 21 matriculados, e, nesse mesmo ano, também percebemos que houve uma troca de professora nos meses de abril, maio e junho, de modo que as aulas, que eram ministradas pela senhora Maria do Carmo Leite, passaram a ser ministradas pela senhora Maria Helena de Oliveira a partir de julho.

Quadro 01: Quantitativo de alunos e professoras do povoado Saco Torto nos anos de 1935 a 1937

Ano	Professora	Quantidade de alunos
1935	Marcinalia Silva	50
1936	Marcinalia Silva	48
1937	Marcinalia Silva	39

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de informações obtidas em documentos no Arquivo Público do Estado de Sergipe.

No quadro 01, é possível perceber que a professora Marcinalia Silva permaneceu como regente durante três anos consecutivos e que houve um decréscimo em relação ao quantitativo de alunos.

Quadro 02: Quantitativo de alunos e professoras do povoado Alecrim nos anos de 1937 a 1940

Ano	Professora	Quantidade de alunos
1937	Margarida de Andrade Souza	39
1938	Margarida de Andrade Souza	28
1939	Anita Almeida da Conceição	28
1940	Maria do Carmo Leite Maria Helena de Oliveira (a partir de junho)	21

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de informações obtidas em documentos no Arquivo Público do Estado de Sergipe.

No quadro 02, notamos que a professora Margarida de Andrade Souza permaneceu na função por dois anos consecutivos. Nos anos seguintes, houve trocas de professoras, passando por Anita Almeida da Conceição e, logo em seguida, houve a mudança de professora em um mesmo ano (1940). Nesse mesmo quadro, ainda é possível perceber também um decréscimo no quantitativo de alunos, mesmo fenômeno que aconteceu na escola isolada do povoado Saco Torto.

A partir da leitura dos quadros 01 e 02, percebemos o decréscimo no número de alunos matriculados nas duas instituições de ensino. Em Malhador, conforme documentos encontrados no Arquivo Público de Sergipe, em 1939, havia duas escolas estaduais e uma municipal. As escolas do estado tinham como diretoras as senhoras Maria Fontes de Carvalho Vasconcelos e Antonia Rosa de Oliveira. Havia também as escolas do povoado Saco Torto e do povoado Alecrim que tinha como suas respectivas diretoras as senhoras Odete Barros Santana e Maria do Carmo Leite. A respeito da escola pública municipal, sua diretora chamava-se Josefina Menezes. Todas as escolas estaduais citadas eram de 1ª estância. Segundo Santos (2016),

[...] a mensagem do governador Eronildes Ferreira de Carvalho, emitida em 1937, que, dentre outros elementos, apresenta a criação e provimento de escolas de 1ª, 2ª e 3ª entrâncias, respectivamente sediadas em Povoados, Villas e Cidades. Diferente dos grupos escolares, que tinham destacados seus nomes e locais onde foram sediados, o discurso do governador sobre as escolas de 1ª e 2ª entrâncias destaca apenas os distritos em que essas escolas estavam sendo providas. Por certo, os grupos escolares, como escolas de 3ª entrância, localizavam-se nas cidades, o que sugere que os demais tipos de escolas sediavam-se nos demais distritos” (SANTOS, 2016, p. 41).

Apesar desse número de escolas existentes na região, o Governo do Estado sente a necessidade de aumentar o número de escolas, reformar as que já existiam para que mais pessoas tivessem acesso à educação e, consequentemente, os números de matrículas e frequências aumentassem. Percebemos isso através da mensagem do governador citada no trabalho de Santos (2016):

Em 1936, tínhamos 583 escolas primárias, as quaes se accusou uma matrícula de 24.283 educandos para uma frequência de 20.129... [82,90%]. Este ano, para um total de 681 escolas, tivemos uma matrícula de 27.341 e uma frequência no primeiro semestre de 22.860 [82,59%] (SERGIPE, 1937, p. 35 apud SANTOS, 2016, p. 42).

A reforma e a construção de grupos Escolares para aumentar, por conseguinte, o número de matrículas se deram, segundo Santos (2016), porque os grupos escolares foram instituições que abrigaram um contingente superior de alunos que as escolas isoladas e, mesmo que não atingissem a demanda, funcionaram como mecanismo de expansão de vagas. Os outros tipos de escolas existentes, como, por exemplo, as isoladas e de iniciativas particulares, também foram essenciais para o aumento de alunos matriculados no estado de Sergipe. Ainda conforme Santos (2016), percebemos que tais escolas, precárias e impróprias para o ensino, ficavam à sombra de discursos políticos que buscavam evidenciar que o governo estava tentando seguir a ideia de que era preciso construir grupos escolares e, por meio deles, aumentar significativamente o número de alunos matriculados. Os grupos escolares se mantiveram em destaque não só nesse período, mas também nas memórias de diferentes pessoas que frequentaram tais espaços e revivem seu cotidiano a cada lembrança citada nas recordações dos seus tempos de escola.

3 EDUCAÇÃO PRIMÁRIA EM SERGIPE ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 A 1960: LEITURAS

Neste capítulo, dialogaremos sobre a expansão da educação primária em Sergipe, no período de 1930 a 1960, situando a criação do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso no cenário de expansão da escolarização em distintos espaços do interior sergipano.

A expansão da educação primária em Sergipe no período citado aconteceu devido à necessidade de escolarizar uma grande parte da sociedade sergipana. Sendo assim, é necessário abordar tal temática devido aos diversos acontecimentos que marcaram o crescimento da educação no estado, como, por exemplo, a implantação de novos projetos que contribuíram para a implantação ou extinção de unidades escolares no interior. É nesse momento que surge uma concepção de que as unidades escolares são sinônimos de modernidade pedagógica, com um ensino graduado e com reunião de diversos alunos em um mesmo prédio (AZEVEDO, 2009).

Embora o crescimento de ensino primário tenha sido uma necessidade, houve ao mesmo tempo um desafio para os governantes. Santos e Barreto (2015) afirmam que, apesar do enaltecimento em relação à educação, o estado enfrentava impasses econômicos, demográficos, históricos e políticos. De todas as dificuldades, a questão financeira foi a mais impactante, tanto para construção de grupos escolares como também para os pagamentos dos professores. Outro desafio foi encontrar um modelo de práticas pedagógicas que deu certo em outros estados para ser aplicado em Sergipe.

Mesmo em meio às dificuldades financeiras enfrentadas pelo estado, as construções dos grupos escolares continuaram acontecendo. Segundo Santos (2016), foram encontrados 43 grupos escolares construídos em todo o estado entre os anos de 1930 e 1960. Esses grupos estão divididos entre grupos escolares e grupos escolares rurais.

Conforme Silva (2016), os grupos escolares rurais constituíam-se em um agrupamento de quatro salas, com pátio interno, sendo que a estrutura física abrigava uma secretaria. A construção obedecia aos preceitos de higiene e de pedagogia. Assim, para além de salas seriadas, esse tipo de escola incluía a figura do diretor. Esse modelo de escola fez com que um maior número de pessoas fosse escolarizado e que o homem do campo continuasse na zona rural, sendo levado até os moradores a modernização e a instrução.

Para Silva (2016), tal ideologia de civilizar o campo está intrinsicamente ligada ao ruralismo pedagógico, pensamento que circulou no estado de Sergipe nos discursos e nas

ações do governador José Rollemberg Leite.² Essa civilização estava ligada ao pensamento de progresso que permeava o estado, pois era necessário diminuir o número de analfabetos que existia em Sergipe. Outro ponto que marcou o ruralismo pedagógico foram os problemas gerados pela industrialização, visto que grande parte da população rural estava migrando para a zona urbana em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Ainda segundo Silva (2016), as iniciativas do governo de José Rollemberg Leite, em 1947, focalizaram-se em fazer expandir a escola primária rural. As escolas rurais estavam presentes mais precisamente em povoados ou em escolas isoladas e reunidas. Esse processo de expansão do ensino primário possibilitou à sociedade sergipana ter acesso à educação próximo de sua localidade e a um aumento significativo no quantitativo de escolas no estado como também fornecer subsídio para fixar o homem do campo em sua localidade.

Santos (2016) afirma que,

a fim de “aumentar a rede escolar no meio rural”, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), ao constatar que em 1945 “60% da população do Brasil não era atingida pela rede escolar existente”, e que tais condições “precárias provinham da falta de escolas rurais”, pôs em prática um plano voltado para a expansão de escolas no meio rural. (SANTOS, 2016, p. 55)

Foi nesse momento que as escolas rurais passaram a ganhar espaço no interior sergipano. Por mais que tenha sido de forma lenta, esse processo foi significativo para o sistema educacional, trazendo inovação e novos métodos pedagógicos.

Silva (2016) afirma que entre 1947 a 1951 na região da grande Aracaju foram construídas 26 escolas, sendo 05 delas em Riachuelo. Dentre essas pertencentes ao município de Riachuelo, encontramos a Escola Rural Malhador, Escola Rural Alecrim e Escola Rural Saco Tôrto, todos esses povoados pertencem atualmente ao município de Malhador. Nesse período, o município era uma Vila pertencente a Riachuelo; porém, só em 1953, por força de disposição da Lei Estadual nº 525-A, de 25 de novembro de 1953, a Vila Malhador é elevada à categoria de cidade, apesar de ser somente instalada em 31 de janeiro de 1955 (FIGUEIREDO, 1979).

² José Rollemberg Leite (1912-1996) nasceu em Riachuelo em 19 de setembro de 1912. Formado em Engenharia pela Escola de Minas em Ouro Preto, em Minas Gerais. Exerceu as atividades profissionais de engenharia, aliando-as com as de professor concursado do Ateneu, onde assumiu as cadeiras de Física e Matemática. Foi Diretor do Departamento de Educação e de Estradas e Rodagens. Com a redemocratização de 1945 aliou-se no Partido Democrático Social (PSD). Disputou e venceu a eleição de 1947, de modo que governou Sergipe em duas ocasiões: de 1947 a 1951 e de 1975 a 1979. Em ambas deu uma significativa contribuição à educação, criando escolas de nível médio e superior, criando o ensino rural, levando ao interior as licenciaturas de curta duração, ampliando, enfim, a presença do Poder Público estadual, instrumentalizada para oferecer o ensino universalizado. A este respeito, ver <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/jose-rollemberg-leite>

A autora apresenta ainda a distribuição da escola primária rural no espaço geográfico do estado de Sergipe. Segundo a pesquisadora,

[...] o montante de 218 escolas rurais foi disseminado de acordo com a densidade demográfica de cada região. Deste modo, regiões com o maior número de habitantes em idade escolar receberam maior quantidade destas unidades, a saber: 15 no Alto Sertão sergipano; 16 no Médio Sertão sergipano; 28 no Baixo São Francisco; 36 no Leste Sergipano; 29 no Agreste Central sergipano; 26 na Grande Aracaju; 29 no Centro-Sul sergipano; 38 no Sul sergipano. (SILVA, 2016, p. 70).

Malhador, por pertencer a Riachuelo, fazia parte da região da Grande Aracaju. Ao visitar o Colégio Estadual José Joaquim Cardoso, antigo GEJJC, foi encontrado um Decreto de nº 2201, de 20 de novembro de 1970, que em seu Art. 1º diz que foram criadas na Rede Oficial do Estado 6 (seis) unidades de ensino primário no interior que serão apresentadas na tabela abaixo.

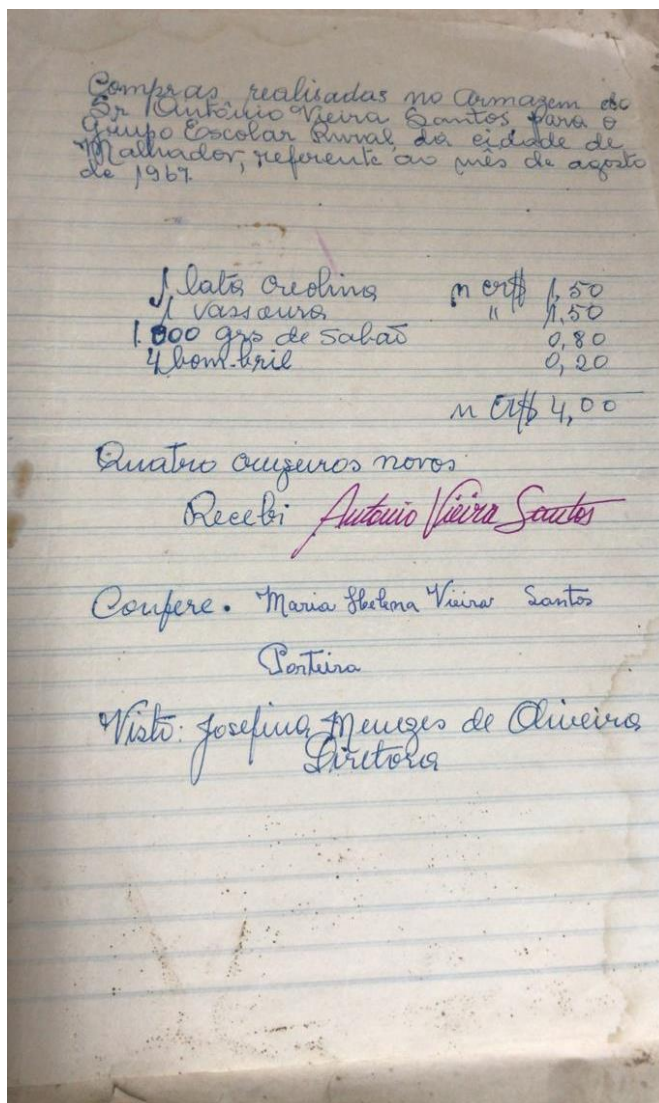
Quadro 03: Unidades de Ensino Primário criadas em 1970 em Sergipe

Nº de ordem	CIDADE	GRUPO ESCOLAR
1.	Muribeca	Grupo Escolar Rural “Almirante Barroso”
2.	Tomar do Geru	Grupo Escolar “D. Vicente Távora”
3.	Nossa Senhora de Lurdes	Grupo Escolar “Almirante Tamandaré”
4.	Povoado Escurial	Grupo Escolar “Pe. Fernando Graça Leite”
5.	Cruz das Graças	Escolas “Reunidas Nações Unidas”
6.	Malhador	Grupo Escolar Rural “José Joaquim Cardoso”

Fonte: Quadro com o nome da cidade e da escola encontrada em decreto no Colégio Estadual José Joaquim Cardoso.

O referido decreto, que afirma que o Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso foi criado em 1970, traz controvérsias, pois, ao analisar o arquivo da escola, são encontrados documentos que apontam a existência do grupo antes emissão desse decreto. Dessa forma, há um conflito de informação ao analisar o quadro 3 que mostra as unidades de ensino criadas em 1970, uma vez que, ao visitar o referido grupo, localizamos um recibo de compra de material para escola de 1967. Também foi localizado o livro de ponto dos funcionários do mesmo, além de portarias e decretos de 1968. Observemos a imagem a seguir:

Figura 01: Recibo de compras realizadas no Armazém do senhor Antônio Vieira Santos.



Fonte: Arquivo do Colégio Estadual José Joaquim Cardoso

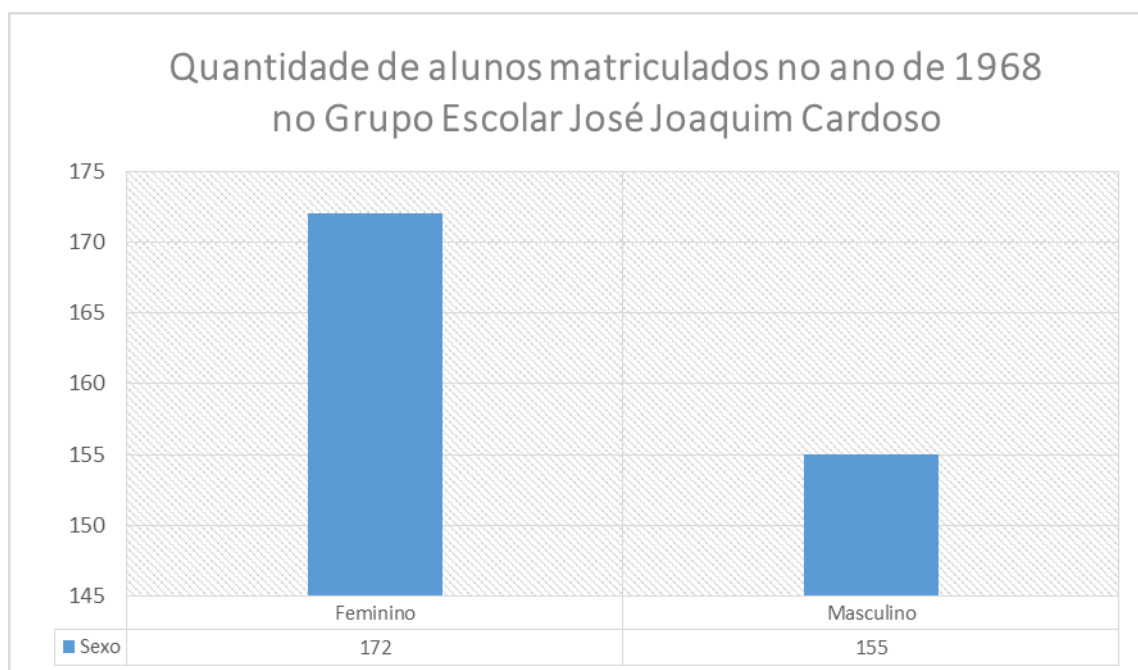
O recibo ilustrado na figura 01 contradiz a ideia de que o grupo foi criado na década de 1970. A compra foi realizada no Armazém do senhor Antônio Vieira Santos, no mês de agosto de 1967, conferido pela porteira Maria Helena Vieira Santos e visto pela diretora Josefina Menezes de Oliveira.

No arquivo da escola, também foi localizado um caderno com o registro de matrículas dos alunos no ano de 1968. Esse documento contém o nome completo do aluno, número e data de matrícula, a série, se é aluno novo ou reprovado, a data de nascimento, o nome da pessoa com quem morava, instrução e religião. Na 1ª série, havia 200 alunos matriculados, número que chamou bastante atenção; porém, os alunos de número de matrícula 190 a 200 estavam com os dados incompletos. Na 2ª série, havia 58 alunos matriculados; na 3ª série, 38

alunos matriculados; e na 4ª série, 25 alunos matriculados. No total, havia 321 alunos matriculados no GERJJC, número bastante considerável para uma população de 5.075 pessoas, segundo o IBGE (1968).

Diferente do que aconteceu nas escolas do povoado Saco Torto e Alecrim, citadas no capítulo anterior, o Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso tinha um número de matrícula considerável em relação ao número de habitantes da cidade. Outro ponto importante é em relação à quantidade de alunas do sexo feminino matriculadas no ano de 1968, de modo que é possível perceber esses números a partir da leitura do gráfico 01.

Gráfico 01: Dados gerais sobre as matrículas no Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso, no ano de 1968.



Fonte: Gráfico criado pelo autor a partir de informações obtidas no Colégio Estadual José Joaquim Cardoso.

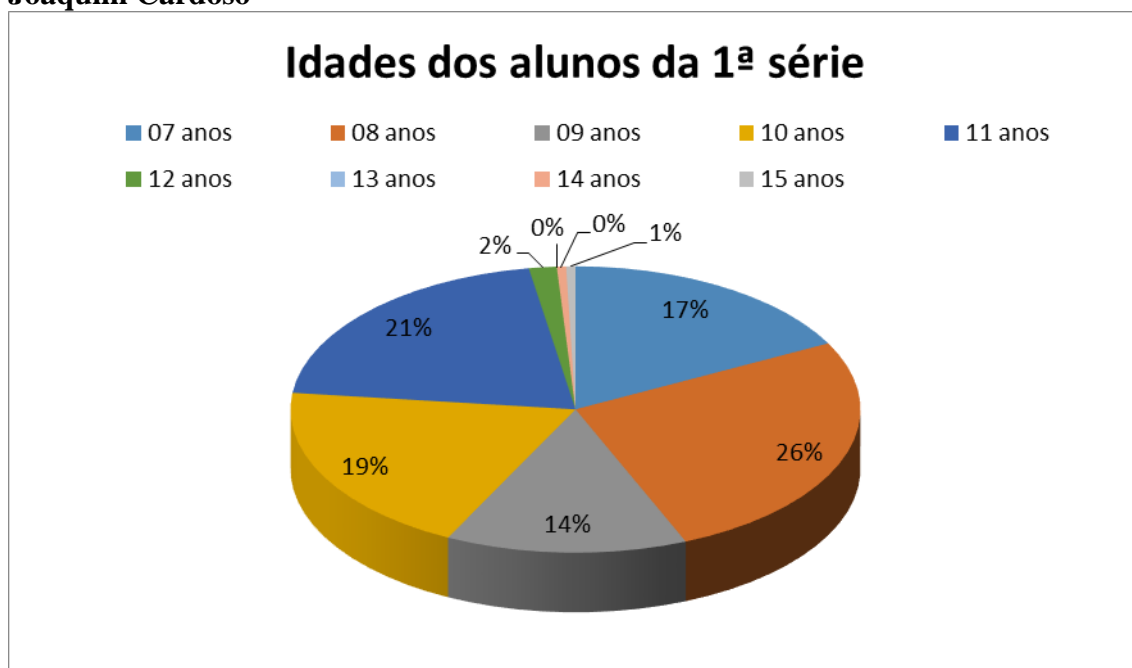
A partir da leitura dos gráficos, percebemos que, no total de 327 alunos, 52,5% eram do sexo feminino e os outros 47,5% do sexo masculino. Isso aponta certa paridade entre os gêneros no início da escolarização no interior sergipano.

A partir da análise dos documentos na escola, percebemos que há uma variedade de crianças com idades diferentes em todas as séries. Segundo a LEI N. 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961, no seu Art. 27, o ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que iniciarem depois dessa idade, havia a possibilidade de serem formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento. Como nas demais turmas, também existia essa variação de

idades entre os alunos, ficando evidente que não havia classes especiais para os alunos que ingressaram no ensino primário depois dos sete anos.

Os gráficos a seguir mostram a variação de idades em todas as séries do GERJJC. Uma observação importante é que, no gráfico 02, utilizamos somente dos dados de 190 alunos, pois os alunos com número de matrícula 191 a 200 estavam sem a data de nascimento preenchida.

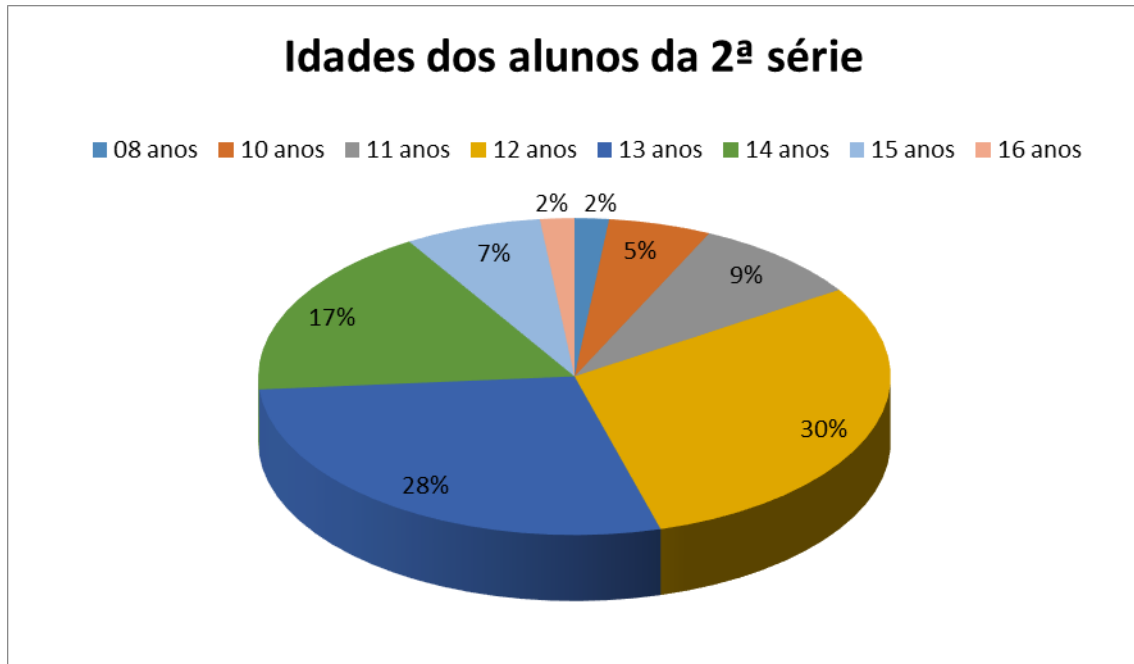
Gráfico 02: Idade dos alunos da 1ª série do ano de 1968 do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso



Fonte: Gráfico criado pelo autor a partir de informações obtidas no Colégio Estadual José Joaquim Cardoso.

No gráfico 02, percebemos uma variação na idade dos alunos matriculados na 1ª série do referido Grupo. Dos alunos registrados, 21% tinham 07 anos, considerada a idade ideal para ingressar na referida série. Dos outros estudantes, 26% com 08 anos de idade, 14% com 09 anos, 19% com 10 anos, 17% com idade de 11 anos, 2% com 12 anos, nenhum aluno matriculado com 13 e 14 anos, apenas 1% com 15 anos, esse último com idade considerada bastante avançada para a 1ª série.

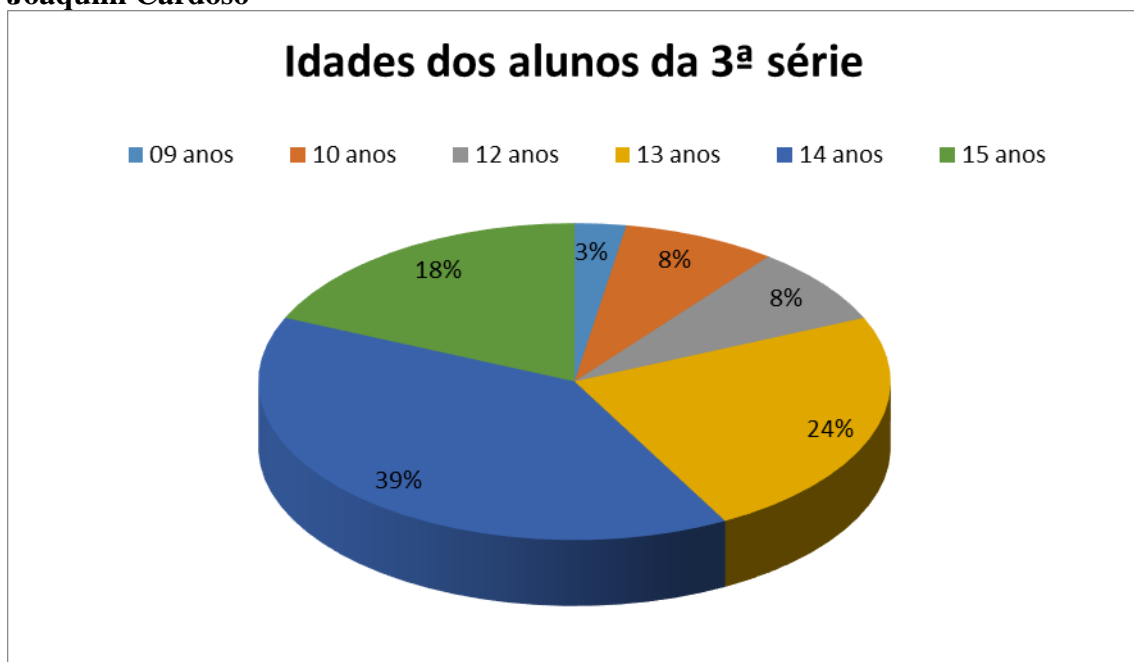
Gráfico 03: Idade dos alunos da 2ª série do ano de 1968 do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso



Fonte: Gráfico criado pelo autor a partir de informações obtidas no Colégio Estadual José Joaquim Cardoso.

No gráfico 03, percebemos que não há nenhum aluno com 07 anos de idade matriculado na 2ª série, mas que existe também uma variação entre as idades dos estudantes. Dentre essa variação, a referida série possuía 28% dos alunos com 08 anos, 5% com 10 anos, 9% com 11 anos, 30% com 12 anos, 2% com 13 anos, 17% com 14 anos e 2% com 15 e mais 2% com 16 anos de idade.

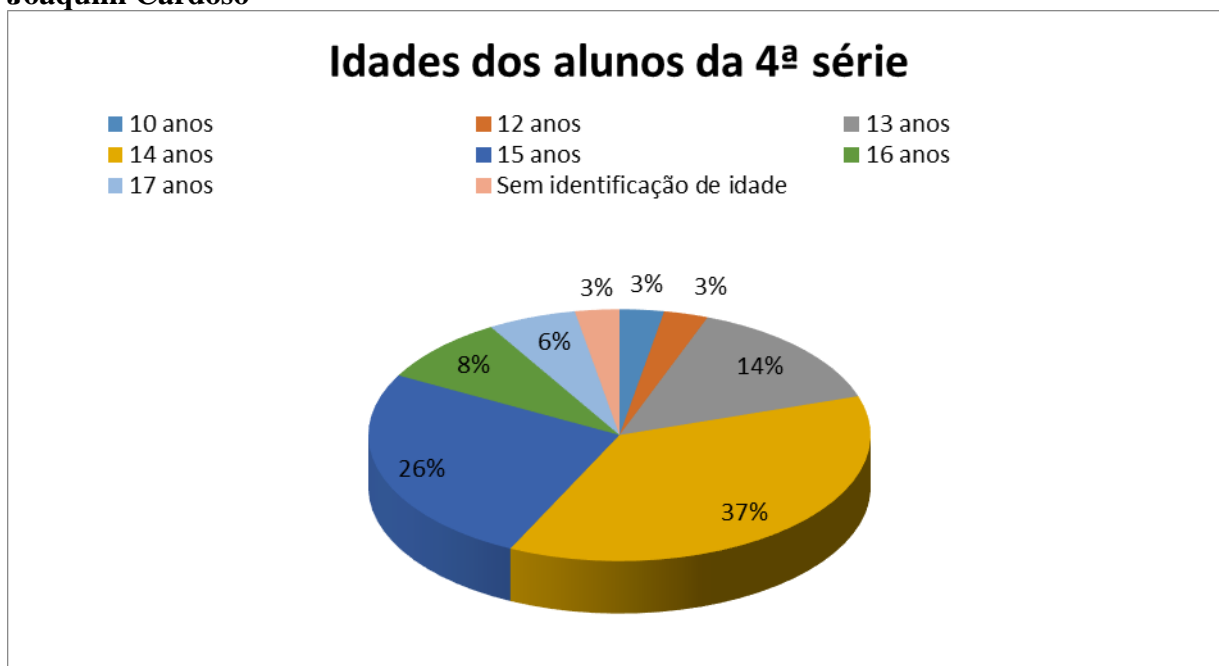
Gráfico 04: Idade dos alunos da 3ª série do ano de 1968 do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso



Fonte: Gráfico criado pelo autor a partir de informações obtidas no Colégio Estadual José Joaquim Cardoso.

O gráfico 03 refere-se à idade dos alunos matriculados na 3ª série do GERJJC, o que é possível perceber que também há uma variação entre os alunos matriculados. No entanto, essa variação é menor comparada aos estudantes da 1ª e 2ª série. Dos 38 alunos matriculados, 39% tinham idade de 09 anos, 8% com 10 anos, 8% com 12 anos, 24% com 13 anos, 39% com 14 anos e 18% com 15 anos de idade.

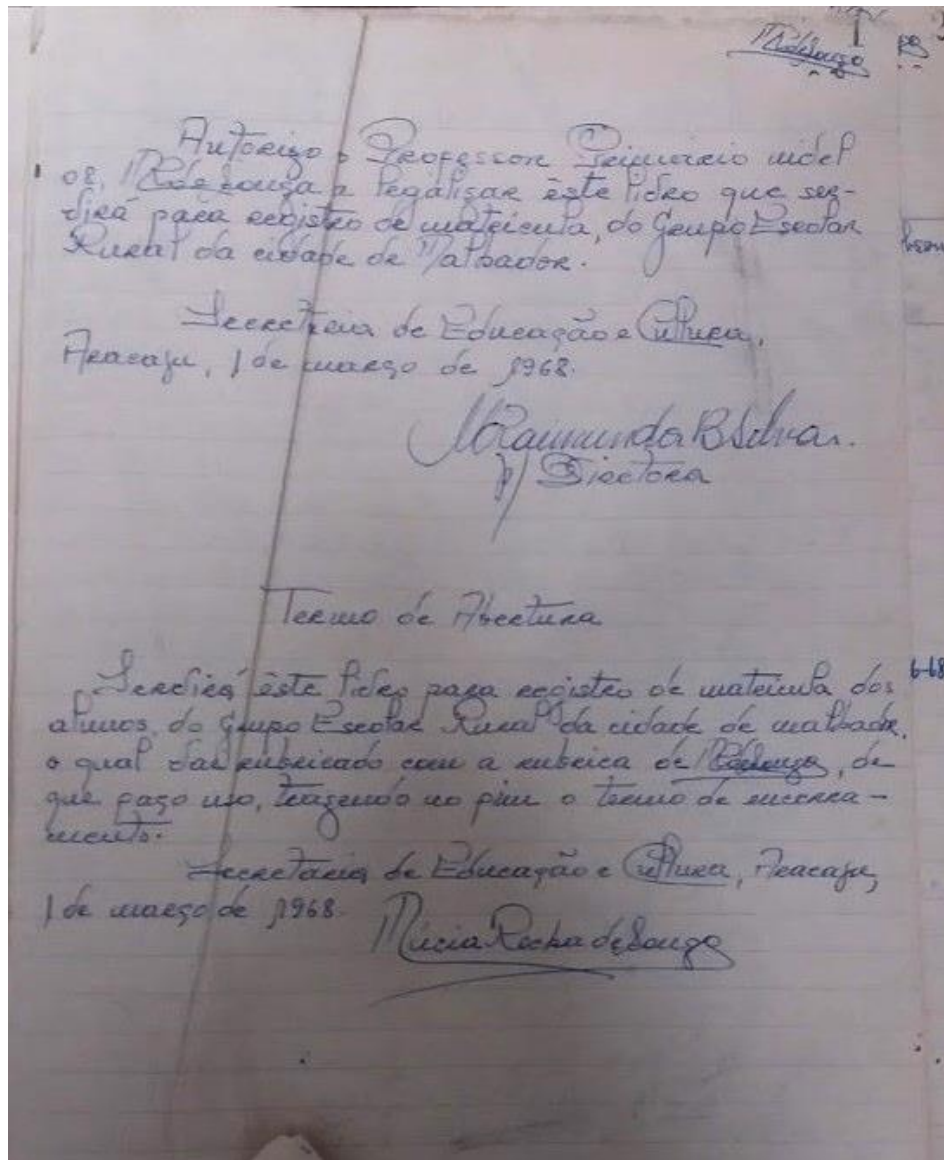
Gráfico 05: Idade dos alunos da 4ª série do ano de 1968 do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso



Fonte: Gráfico criado pelo autor a partir de informações obtidas no Colégio Estadual José Joaquim Cardoso.

O gráfico 05 apresenta outra variação de idade dos alunos matriculados. Porém, a diferença é considerada baixa, pois os números que se destacam são os de 37%, 26% e 14% que correspondem respectivamente a alunos com idades de 14, 15 e 13 anos. As construções desses gráficos foram feitas a partir de dados coletados da ficha de matrícula disponível no acervo do Colégio Estadual João Joaquim Cardoso.

Figura 02: Termo de abertura de matrícula do GERJJC em 1968



Fonte: Acervo do Colégio Estadual José Joaquim Cardoso.

A figura 02 se refere à autorização de livro de registro de matrícula do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso, no ano de 1968, assinado pela secretaria de Educação e Cultura do estado. Acreditamos que o Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso foi fundado no ano de 1964, sendo que essa informação é confirmada a partir das entrevistas e conversas informais com o senhor José Raimundo Menezes e a atual gestão da escola. Segundo as autoras Santos, Silva e Silva (2017), no período de (1930-1961), o sistema educacional sergipano estava em um momento de transformação, aperfeiçoamento e secularização da educação. Essa concepção vê as unidades escolares como instituições em que as práticas pedagógicas eram sinônimos de modernidade e de qualidade, os alunos eram reunidos em um mesmo prédio sob uma única direção e métodos de ensino.

Nos discursos do ex-alunos do GRJJC, percebemos que o referido grupo era tido com uma instituição respeitada e de qualidade para a população malhadorenses. O senhor Valter Rubens Gonçalves de Lima afirma que naquela época era visto como uma escola de referência e esse discurso é reafirmado com a fala do senhor Francisco Reis de França quando ele diz:

Rapaz, na época era uma escola de revelação, era uma escola conhecida pelos filhos da cidade, né, da cidade. Começou com uma sala e tinha a secretaria e de lado tinha um campinho que a gente muito ia também brincar na nossa infância. (Francisco Reis de França, 2019)

Essas memórias são de extrema importância para perceber o quão importante era o grupo para o município de Malhador. Como vemos, a educação foi alvo de debate na época devido a diversos fatores, como, por exemplo, número de analfabetos, número de reprovação escolar e também por conta da estrutura física da instituição, visto que, a partir das narrativas, percebemos que o GERJJC possuía uma estrutura precária.

A estrutura dele tinha apenas aquela parte da frente, a parte do fundo não existia, tinham 3 ou quatro salas ali na frente e a secretaria, tinha os banheiros também que eram separados. Aquela parte toda de trás ali do Cardoso não existia, era só a parte da frente. Não tinha quadra para esporte. Não tinha pátio para recreação, era só aquela parte muito pequenininha ali, a gente brincava na frente do prédio que era uma parte de areia, só tinha areia, era até aberto um pouco, tinha uma cerca de arame que era muito precária na época, mas era areia e a gente brincava na areia mesmo. (Valter Rubens Gonçalves de Lima, 2019)

Figura 03: Colégio Estadual José Joaquim Cardoso em 2019.



Fonte: Acervo fotográfico do próprio autor.

Na figura 03, percebemos que a estrutura física se assemelha com o prédio construído na década de 1960.³ A escola é ampla, possui pátio e quadra de esportes, esses traços físicos nos fazem perceber que ainda existem resquícios de uma estrutura que trazem elementos dos antigos grupos escolares criados na capital e no território sergipano no século XX.

Ao tentar confrontar os diferentes discursos e narrativas de histórias de vida dos entrevistados, buscamos ampliar ainda mais as interpretações e, assim, perceber os contraditórios sentidos atribuídos a expansão do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso.

Não foram encontrados documentos oficiais e nem existe placa de inauguração do grupo escolar que é foco deste trabalho para identificar qual o ano de sua implantação no município de Malhador. Mas, através de conversas informais e entrevistas, coletamos a informação que o GERJJC foi criado em 1964.

Há evidências, como na narrativa do senhor Francisco Reis de França, de 64 anos de idade, que revelam que, em Malhador, mesmo com as escolas municipais e estaduais, havia casas particulares onde os alunos estudavam até chegar na primeira série. Essa afirmação é confirmada através dos discursos da senhora Rute Alves de Mendonça e do senhor Valter Rubens Gonçalves de Lima, reforçando que as escolas isoladas permaneceram por alguns anos, mesmo com a existência dos grupos escolares:

Anteriormente, primeiro eu estudei em casas particulares. Que o Colégio José Joaquim Cardoso só tinha uma sala e uma secretaria. Mas antes a gente estudava em casas estudando a pré-escola. Para depois que passasse para o primeiro ano era convocado a se matricular no Cardoso. (Francisco Reis de França, 2019)

A senhora Ruth Alves de Mendonça também afirma ter estudado nessas casas que eram conhecidas aqui na região como casas de ensino:

Não estudei em escola, estudei em casas, ali onde aquele menino do banco mora era uma escola, as escolas que a gente estudava eram em casas não era assim grupos ou escolas como eu ensinava, eram casas de ensino. (Ruth Alves de Mendonça, 2019)

Durante a entrevista, o senhor Valter Rubens Gonçalves de Lima afirma que essas escolas existiram realmente. Apesar de não ter estudado nessas instituições, o mesmo tem lembranças de já ter ouvido que seus pais estudaram nessas casas de ensino.

Mas isso não é da minha época, quem participou disso foi minha mãe do meu pai na minha época já tinha a instituição pronta, o Cardoso, O

³ A imagem do prédio da década de 1960 segue neste trabalho na figura 04.

São José a escola municipal número 3. Elas foram evoluindo ao longo do tempo. (Valter Rubens Gonçalves de Lima, 2019)

Essas unidades escolares, juntamente com grupos escolares rurais, passam a ganhar espaço em Malhador e, conseqüentemente com a expansão do ensino primário o público alvo, os alunos passavam a ter mais possibilidades de serem alfabetizados próximos da sua residência.

As narrativas dos entrevistados nos trazem elementos da cultura escolar que precisam ser estudados, analisados e possibilitam a obtenção de elementos históricos que apontam para práticas educativas vivenciadas em escolas rurais do interior do Brasil. Segundo Felgueiras (2010), a Cultura como sistema de normas e valores e como conjunto de obras-primas de uma época ou sociedade vai ocupar assim um lugar de destaque na narrativa, articulada com os processos sociais, econômicos e políticos, que a explicariam. Para a autora, a cultura não se descolará da ideia de civilidade, do retrato social, e guardava ainda o traço de uma ação, de dar-se ao estudo ou tratar as letras.

Entender a cultura escolar como potencial reflexivo para processo de construção do pensamento sobre a história da educação potencializa o conceito de cultura em uma sociedade. Trabalhar com a história dos objetos escolares e com as memórias enquanto produto de vivências tanto individual quanto coletiva nos ajuda a compreender elementos que marcaram uma época da sociedade em que não vivemos.

Nessa perspectiva, Felgueiras (2010) aponta que a cultura como sistema de normas e de valores e como conjunto de obras-primas de uma época ou sociedade que ocupa, assim, um lugar de destaque na narrativa, articulada com os processos sociais, econômicos e políticos, que a explicariam. Para a autora, essa cultura é simultaneamente um capital cognitivo, técnico, mitológico e ritual, de memória, de organização, servindo por uma linguagem e gravado na memória dos indivíduos, em primeiro lugar, e depois escrito (FELGUEIRAS, 2010, p. 22).

Esta pesquisa baseia-se também nas memórias de sujeitos que nos possibilitaram a apresentar não apenas o que estava dentro dos muros dos GERJJC, mas com o que aconteceu na estrutura da sociedade malhadorense. Felgueiras (2010) afirma que a escola como espaço próprio, currículo estruturado por níveis de ensino e corpo profissional especializado seriam os três elementos indispensáveis para a constituição de uma cultura escolar. Esses objetos que integram elementos da cultura escolar nos oferecem, à medida que os analisamos, um olhar mais minucioso acerca de detalhes do ambiente de uma instituição de ensino.

Dessa forma, entendemos que estudar a cultura escolar possibilita o entendimento tanto da história dos objetos escolares quanto da memória da escola. Da escola como organização e dos mestres enquanto sujeitos de um ofício não os vemos surgir na historiografia em geral nem na história da cultura a não ser tardiamente. E vemo-los sobretudo como produtores de uma cultura sábia, ao traduzir, escrever tratados ou discutir concepções filosóficas, científicas ou literárias (FELGUEIRAS, 2010, p. 23).

Diante dessa perspectiva, devemos considerar a escola como instituição com cultura própria. Os elementos que explicam essa cultura seriam os atores que nela estão inseridos, dentre eles os professores, os gestores, os alunos e a família. Como a instituição se organiza através de seus discursos e de suas práticas, isso também se torna elemento fundamental que faz parte da cultura escolar. Aspectos que mesmo de forma resumida pudemos observar na análise do GERJJC.

4 A RELAÇÃO ENTRE O GERJJC E O MUNICÍPIO DE MALHADOR: DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO.

Para pensar na História da Educação de Malhador, é necessário se debruçar sobre as memórias de quem viveu naquela época, já que outras fontes, como, por exemplo, os documentos escritos, são limitados, dificultando a obtenção de dados mais concretos no que se refere às informações sobre as instituições de ensino. Os fragmentos de lembranças dos entrevistados nos aproximam de um momento em que a educação do município era vista como algo que iria revolucionar a vida das pessoas que viviam na região.

Essa experiência vivida nos faz perceber a necessidade de preservar a memória bem como registrar tais momentos para que sejam transmitidos para as gerações futuras e a história local passe a ser valorizada. As entrevistas⁴ aconteceram no mês de junho de 2019. Trata-se de perguntas relacionadas ao período em que estudaram ou ensinaram no GERJJC e a vivência escolar dos mesmos. Os entrevistados assinaram em duas vias um termo de autorização de uso de nome e fizeram relatos sobre o referido grupo.

Enquanto entrevistávamos essas pessoas, cujos nomes são Francisco Reis de França, Rute Alves de Mendonça e Valter Rubens Gonçalves de Lima, percebemos que eles rememoravam tempos que marcaram sua vida educacional. Foram lembrados momentos específicos relacionados às normas das professoras, de alguns colegas, da estrutura física da escola, entre outros aspectos.

Seu Francisco Reis de França narra situações nas quais é possível imaginar como tudo funcionava nos tempos em que ele era aluno. Ele diz que “começou com uma sala e tinha a secretaria e de lado tinha um campinho que a gente muito ‘ia’ também brincar na nossa infância. Brincar, brigar, com aqueles carrinhos de madeira, carrinho de lata de sardinha, pião e bola de gude.” (Francisco Reis de França, 2019). Em certo momento de sua fala, ele expõe como era a estrutura física da escola, informando que a instituição possuía uma sala e uma secretaria. Já na narrativa do senhor Valter Rubens Gonçalves de Lima, fica visível que, na época em que estava matriculado, em meados dos anos de 1977,⁵

A estrutura tinha apenas aquela parte da frente, a parte do fundo não existia, tinham três (03) ou quatro (04) salas ali na frente e a secretaria. Tinha os banheiros também que eram separados. Aquela parte toda de trás ali do Cardoso não existia, era só a parte da frente. Não tinha quadra pra esporte, não tinha pátio pra recreação, era só aquela parte muito pequenininha ali, a gente brincava na frente do prédio que era uma parte de areia, só tinha areia, era até aberto um

⁴ O roteiro das entrevistas encontra-se no Apêndice B do trabalho.

⁵ Lista de matriculados encontra-se no anexo 1 deste trabalho.

pouco, tinha uma cerca de arame que era muito precária na época, mas era areia, a gente brincava na areia mesmo. (Valter Rubens Gonçalves de Lima, 2019)

A senhora Rute Alves de Mendonça confirma todas essas informações ao narrar que a escola tinha quatro (04) salas e uma (01) secretaria e reafirma sobre o espaço de areia que os alunos utilizavam muito para brincar. Ela também contradiz a fala do senhor Valter Rubens Gonçalves de Lima a respeito do pátio da escola. “Ali toda vida tinha chão, ali era bem organizado, tinha banheiros, tinha aquele pátio que ainda tem hoje” (Rute Alves de Mendonça, 2019).

Todos os entrevistados, quando perguntados pela estrutura física da escola, falaram da existência dos banheiros. Talvez isso aconteça devido à prática de higienização que foi muito forte na época. Santos (2009) afirma que os prédios deveriam ser instrumentos que propiciassem o controle dos corpos e a higienização física e moral. Ainda segundo o autor, uma das novidades nos grupos escolares era a instalação de sanitários no interior dos prédios, mostrando preocupação em atender as exigências da pedagogia moderna e higienista.

Figura 04: Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso na década de 1960



Fonte: Acervo do Memorial Cultural Pedro José dos Santos, Malhador/SE

O Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso provavelmente não atendia as mesmas características dos grupos escolares implantados em outras cidades do interior sergipano. Sua estrutura aparentemente simples tentava atender algumas demandas, como, por exemplo, a

instalação de banheiros, várias janelas, que aparecem na imagem exposta e que permitiam a ventilação e iluminação. Pontos discutidos por autoridades da época e presentes na instituição como uma tentativa de se manter na estética da modernidade.

Outro elemento presente nas memórias dos ex-alunos era o fardamento escolar. Aspecto fundamental para normatizar condutas e impor disciplina e integrante da cultura escolar. Pelas narrativas apresentadas, pudemos perceber que o uso dos uniformes evidencia a ampliação e consolidação de um modelo de controle e respeito aos militares. O senhor Francisco Reis de França, aluno do grupo em 1968, descreve com muita autoridade como era o fardamento escolar: “O fardamento naquela época representava a polícia militar de Sergipe que se chamava a farda do soldado. Era calça de ‘caca’, camisa de ‘caca’ e o casquete,⁶ se chamava casquete que hoje dá-se outro nome, mas é um casquetzinho até bonitinho” (Francisco Reis de França, 2019).

Nessa perspectiva, Silva (2016) afirma que o uniforme escolar faz parte do grande “tronco” da cultura escolar. Isso porque é um artefato obrigatório que permeia as instituições educativas, por entre cores, combinações e escudos que conferem identidade institucional (SILVA 2016, p. 181). A relação do fardamento do GERJJC com o da polícia militar de Sergipe foi reforçada na narrativa do senhor Valter Rubens:

O fardamento da época era extremamente militarizado, a gente chamava na época um tecido chamado de ‘caque’, não sei se existe esse tecido ainda hoje, a cor era mais ou menos da cor do exército brasileiro, da polícia militar de Sergipe, era bem parecido e a gente usava um gorriinho na cabeça como se fosse um soldado, quando tirava da cabeça colocava aqui no ombro do lado, era como se fosse um monte de soldadinho. Eu tenho essa referência muito grande na minha cabeça. (Valter Rubens Gonçalves de Lima, 2019)

As preocupações com a saúde da população malhadorense pareciam não estar restritas somente no Grupo Escolar. Elas se expandiram para as ruas da cidade, já que as praças e as avenidas eram arborizadas, provavelmente um ambiente ventilado. Santos (2014) aponta que, em busca de salubridade e de combate aos miasmas, os engenheiros projetaram prédios e praças que exortavam a modernidade e explicitavam o processo de embelezamento das cidades, substanciada pela medicina higienista.

⁶ Define-se Casquete como: Pequeno gorro de pano, de formato alongado, próprio de uniformes militares ou estudantis; bíblico em virtude do formato, que lhe dá dois bicos. (KURY, 2010, p.189)

Figura 05: Foto da década de 1960 da Praça 25 de Novembro, localizada no centro da cidade de Malhador.



Fonte: Acervo do blog do povoado Saco Torto. Disponível em:

<http://lasdsgames.blogspot.com/search/label/CRESCIMENTO%20%20POPULACIONAL%20%20MALHADO%20%20RENSE>

A imagem confirma a ideia de arborização na cidade. Diferentes sensações eram expostas em meio às árvores, arbustos e monumentos, pois esses locais serviam como pontos importantes no qual as pessoas iam frequentemente, principalmente aos finais de semana para rever amigos e passar algumas horas conversando. Os poderes de instituições distintas se faziam presentes. O discurso higienista aparecia por meio da pavimentação, das árvores e, principalmente, dos jardins (SANTOS 2014).

Apesar da cidade atender algumas expectativas arquitetônicas da época, as condições financeiras da população não eram das melhores como conta o senhor Francisco Reis de França: “Naquela época, a gente não comia carne, a gente não comia coisas desse tipo, só comia peixe, tripa e bucho⁷, pobre não comia carne e nem arroz. ” (Francisco Reis de França, 2019). Mesmo Malhador sendo uma cidade que tinha a agricultura como seu principal meio

⁷ Define-se Tripa como: nome dado aos intestinos, especialmente dos animais. Estômago de diversos ruminantes, diferentemente preparados para a alimentação humana; bucho: tripa à moda. (KURY, 2010, p.1099)

de subsistência, há notícias de que pessoas enfrentavam problemas com a fome. O senhor Francisco afirma que a população carente de Malhador tinha como fonte de renda os trabalhos realizados nas feiras livres e nas casas de farinha, pois esses espaços davam o pouco que eles tinham.

Em relação às festividades que aconteciam na escola, os entrevistados rememoraram com muita clareza que só aconteciam as festas cívicas. Os desfiles cívicos marcaram ápice dos eventos escolares do século XX no município. No discurso do senhor Valter Rubens fica claro que as instituições de ensino priorizavam as comemorações cívicas ao lembrar que

Tinha festa Cívica. Na minha época se desfilava muito, né? Eles priorizavam o 7 de setembro até porque na época a gente vivia ainda na época da ditadura militar e eles pesavam muito por essa questão do 7 de setembro e o que se tinha de festa na escola de fato, era nesse momento, eu não presenciei nenhuma outra festa. Eu até morava no sítio e não presenciei muita festa no Cardoso, agora o 7 de setembro sim, era o que mais se presenciava lá era o 7 de setembro. ” (Valter Rubens Gonçalves de Lima, 2019)

Figura 06: Desfile de 07 de setembro em Malhador na década de 1960.



Fonte: Acervo do Memorial Cultural Pedro José dos Santos

Santos (2014) aponta que os desfiles eram hierarquizados e representavam os impasses existentes no campo educacional sergipano, com tensões e exibições. Nesses momentos, os

alunos deveriam exibir suas performances e produções realizadas nos compartimentos internos do grupo, enquanto a população comparecia para prestigiar o momento em que as escolas se mostravam como instituições transformadoras da sociedade.

Na imagem exposta, percebemos que há um grande número de pessoas em uma das praças da cidade. Em Malhador, conforme narrativa do senhor Valter Rubens Gonçalves de Lima, não havia outras festividades, com ressalvas para os desfiles e a festa do Padroeiro do município. Percebemos também que na imagem aparece pessoas com trajes que remetem a roupas usadas no trabalho agrícola, mulher com lenços na cabeça e homens de chapéu, com calças e camisas de manga longa. É perceptível a simplicidade das vestimentas dessas pessoas que eram atraídos pelo desfile da escola.

Os desfiles das escolas, então, eram entendidos como festa e foi uma construção social que trouxe representações de uma cultura cívica. Santos (2014) aponta que os princípios republicanos estavam presentes nos desfiles cívicos. A prioridade pelas escolas militarizadas na abertura do desfile demonstra que a educação possuía forte influência desse segmento social. Para o autor, o elemento cívico-político é muito relevante na configuração do grupo escolar, pois, para a tentativa de se implantar a civilização, era preciso apelar para os sentimentos patrióticos. O caráter oficial dos desfiles era marcante, e Santos (2014) afirma que as autoridades, religiosas e militares, assistiam à marcha dos alunos uniformizados e com passado cadenciados, exibindo as proezas de um regime que se dizia transformados, regenerador da sociedade (SANTOS, 2014, p. 135)

No entanto, nem todos os alunos gostavam dessa cultura cívica aplicada no GERJJC. Em seu discurso, o senhor Valter Rubens Gonçalves de Lima afirma que:

Eu não gostava muito da rigidez da escola eu era um pouco liberal e era muito rígido e eu contestava muito essa rigidez da escola, mas como era da ditadura militar e a gente não podia fazer muita coisa eu resignava e ia pra casa, mas discordava muito daquelas atitudes rígidas da escola, por exemplo a palmatória eu contestava. (Valter Rubens Gonçalves de Lima, 2019)

Nessa narrativa, percebemos que o senhor Valter Rubens cita que no grupo havia a prática de castigos, como, por exemplo, a palmatória. A presença desse tipo de castigo se constituía em um símbolo de disciplina empregada nas escolas da época. Pelas memórias do nosso outro entrevistado, o senhor Francisco Reis de França, percebemos que o mesmo reafirma o discurso da existência de castigos físicos:

Naquela época a educação ela era um pouco rígida, até pra você brincar, até pra você brincar tinha o horário do recreio. E naquela época se você não voltasse para sala de aula atrasado, você caía no castigo e se não fizesse os deveres também e não fosse ler de verdade na frente de todos aluno pra tirar a timidez você pegava um castigo. (Francisco Reis de França, 2019)

Nessas memórias escolares dos nossos entrevistados, podemos perceber que as práticas desses castigos serviam para corrigir os hábitos considerados subversivos. Além de controlar moral e fisicamente o aluno castigado, servia de sobreaviso aos outros que, vendo a punição cometida ao colega, não excederiam os limites impostos pelas regras.

O GERJJC não era apenas um ambiente que regulava o modo de se comportar perante a sociedade, era também um espaço em que a infância foi vivida de forma alegre como conta o senhor Francisco: “tinha um campinho que a gente muito ia também brincar na nossa infância. Brincar, com aqueles carrinhos de lata de sardinha” (Francisco Reis de França, 2019).

As memórias descrevem práticas educativas, mas também recreativas. As brincadeiras, que marcaram a infância, ultrapassam os conteúdos prescritos para serem aprendidos pelos alunos. Nessa perspectiva, Felgueiras (2010) afirma que os estudantes são referenciados quer pelas brincadeiras nos recreios, quer pelo elenco de comportamentos destinados a minar a autoridade do professor.

Os entrevistados interligaram o passado e o presente através do processo de narrar, vivências com referências que fornecem sentido às experiências vividas por eles no período que estudaram no Grupo. Isso nos permite compreender que a escola para esses sujeitos era um dos principais locais para viver a infância e receber instrução para se tornar cidadãos alfabetizados. As lembranças dos entrevistados possibilitam fazer relações sociais entre alunos, professores e a própria história de Malhador/SE.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a pesquisa sobre o processo de implantação do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso da cidade de Malhador/SE, visualizamos que os grupos escolares nasceram como instituições de ensino predominantemente urbanas, implementadas por meio de iniciativas estaduais e acabaram se constituindo como novos locais nas cidades. No caso em estudo, há um Grupo Escolar criado já na década de 1960 que, mesmo sem exuberância arquitetônica, o GERJJC era considerada como uma escola moderna e progressista que desempenhou um papel de conceber aos cidadãos o renome de população civilizada.

Diante das escolas que existiam até então na cidade, o Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso trouxe para Malhador/SE um movimento modernizador que foi iniciado em meados da década de 1960. Essa instituição objetivava, por meio da educação, conceber novos hábitos e comportamentos para a formação de um novo cidadão, além de promover os princípios da ordem e do progresso republicanos.

Entre as conclusões do trabalho, merece nota o processo de expansão das escolas formais no qual se deu de forma lenta em Malhador, sendo que o primeiro registro encontrado foi o da escola Isolado do Povoado Saco Torto de 1935. Vale salientar que nesse período esse povoado pertencia à cidade de Riachuelo/SE, de maneira que aos poucos os governantes foram investindo em novas instituições e, com a emancipação de Malhador da cidade Riachuelo, o GERJJC surge para atender uma necessidade da população.

O processo de implantação do GERJJC aconteceu de forma compassada. Mesmo sendo um dos principais povoados de Riachuelo, somente passa a ter um grupo escolar na sede no momento em que se torna cidade, mais precisamente anos depois de sua emancipação. Malhador adquiriu a independência em 1953 e apenas na década de 1960 é construído o GERJJC.

Infelizmente, não foi possível identificar a data exata de sua fundação, já que não foram localizados documentos que indicassem tal informação tanto no acervo da escola como no Arquivo Público do Estado de Sergipe. Porém, a partir das entrevistas realizadas, levantamos a hipótese de que ele foi implantado no ano de 1964.

Nesse sentido, a inserção dessa unidade de ensino em Malhador foi de grande valia para o sistema educacional do município. Isso porque trouxe inovações e novos métodos de aprendizagem, como também foram inseridas novas culturas e práticas escolares que, por sua vez, foram vistas como inovadoras, o que nos permite ver a instituição como uma escola significativa para a comunidade. À medida que as ideologias arquitetônicas e pedagógicas

eram aplicadas no GERJJC, a cidade de certa maneira se apropriava desses princípios e isso ficava perceptível nas práticas higienistas e no civismo, marcas presentes na cidade. A relação da história do município está fortemente ligada ao GERJJC, pois os sujeitos que por ali passaram e receberam uma instrução escolar formal foram os mesmos responsáveis pela construção e pela manutenção de fontes que nos possibilitam estudar a construção da querida Malhador.

O Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso constitui-se como uma fonte obrigatória para aqueles que demonstram interesse em estudar a história da cidade, já que seu processo de implantação tem sintonia com o desenvolvimento de Malhador. Isso se torna mais relevante para os educadores em geral, pois este trabalho pode contribuir para o estudo e investigação de outros aspectos que não foram citados nesse trabalho.

Por fim, reforçamos a ideia de que a presente monografia foi realizada através das narrativas de ex-alunos e ex-professores do GERJJC, bem como por meio de documentos escritos e de uma série de leituras sobre a temática. Finalizamos com a certeza de que ainda existe muito a se explorar e pesquisar sobre o GERJJC, como também acerca de seus alunos, professores, gestores e outros sujeitos, de modo que os mesmos são peças fundamentais para a educação e para a história do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso, na cidade de Malhador/SE, bem como para o agreste sergipano.

Referências

- AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930): cultura escolar e civilização e escolarização da infância**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009.
- BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; MESQUITA, Ilka Miglio de; SANTOS, Laís Dias. Por uma história da educação vista por sujeitos simples: cultura e práticas da escola primária no sul sergipano (1930-1960). **Revista Educação**, v. 38, n. 2, p.249-262, maio-ago. 2015.
- KURY, Gama. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2010.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 19-34, Mai/jun./jul. /ago. 2000.
- FIGUEREDO, Ariosvaldo. **A história de Malhador**. Fotolito e impressão. SEGRASE, 1979
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura escolar: da migração do conceito à sua objectivação histórica. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.) **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010. p.17-32.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989
- SANTOS, Blenda Joyce dos; SILVA, Soane Maria Santos Menezes Trindade; SILVA, Hilanna Mayara Lessa. **A EXPANSÃO DO ENSINO PRIMÁRIO EM SERGIPE (1930-1960): BREVE ANÁLISE**. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v. 10, n. 1, 2017.
- SANTOS, Laís Dias. **Por uma história vista de baixo: as escolas primárias dos territórios centro e sul do estado de Sergipe (1930-1960)**. Aracaju, 2016. p. 170. (Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes),
- SANTOS, Laís Dias; BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **O PROCESSO DE EXPANSÃO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS NO ESTADO DE SERGIPE: A PLURALIDADE DAS NARRATIVAS E A SINGULARIDADE DOS DOCUMENTOS OFICIAIS (1930-1960)**. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v. 8, n. 1, 2015.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da Modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926)**. São Cristóvão, 2009. p. 228. (Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe)
- SANTOS, Maria Valdirene dos. **A educação primária em Areia Branca/SE: memórias de ex-alunas do Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves (1976-1978)**. Monografia de Graduação

em Pedagogia. Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Campus Professor Alberto Carvalho. Itabaiana/SE, 2018.

SANTOS, Luana de Jesus; OLIVEIRA, João Paulo Gama. **OS GRUPOS ESCOLARES ESCOLARES EM SERGIPE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: PERCORRENDO OUTRAS TRILHAS EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS.** Encontro Internacional de Formação de Professores, v 11, n. 1, 2018.

SANTOS, Luana de Jesus. **Relatório de Iniciação Científica da Pesquisa a educação primária em itabaiana na primeira metade do século XX,** Pibic/CNPq. 2018. p. 46

SERGIPE. Arquivo Público Estadual de Sergipe: Título da pasta: Livro Ponto diário da Escola Isolada de nº 8 do povoado Saco Tôrto. Título do envelope. E6 442.

SERGIPE. Arquivo Público Estadual de Sergipe: Título da pasta: Livro Ponto diário da Escola Isolada de nº 12 do povoado Alecrim. Título do envelope. E6 433.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2007. p. 497-515

REIS, Joeslaine Maria Lima dos. **Professoras primárias de Areia Branca/SE:** um olhar sobre a atuação de docentes do Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves no final do século XX. Monografia de Graduação em Pedagogia. Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Campus Professor Alberto Carvalho. Itabaiana/SE, 2017.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FONTES ORAIS

FRANÇA, Francisco Reis de. Entrevista concedida a Elias Marciel Soares, em 26 de julho de 2019, Malhador/SE.

LIMA, Valter Rubens Gonçalves de. Entrevista concedida a Elias Marciel Soares, em 26 de julho de 2019, Malhador/SE.

MENDONÇA, Rute Alves de. Entrevista concedida a Elias Marciel Soares, em 26 de julho de 2019, Malhador/SE.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDI)
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
ITABAIANA/SE

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E RELATOS SOBRE
PELA HISTÓRIA DA NOSSA GENTE: o Grupo Escolar Rural José Joaquim
Cardoso (1968 – 1977)**

Nome: _____

Nacionalidade: _____

Idade: _____ Telefone: _____

Estado civil: _____

Residência: _____

Cidade: _____ UF.: _____

Eu, _____,

CPF: _____ autorizo o uso do meu nome e meus relatos sobre ao Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso (1968 – 1977) concedidos para o trabalho de pesquisa de Elias Marciel Soares, desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira, docente do Departamento de Educação (DEDI) da Universidade Federal de Sergipe, podendo estes serem utilizados na monografia da citada acadêmica, assim como divulgados em artigos, trabalhos e outras publicações do meio acadêmico. A autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso acima mencionado em atividades acadêmicas e sem fins lucrativos. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso descrito sem que nada haja a ser reclamado a títulos de direitos conexos a meu nome, materiais ou imagens ou a qualquer outro e, assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

DATA

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas para entrevista.

Perguntas entrevista - ex-alunos (as)

- 1- O que representava o GERJJC para o município de Malhador, como ele era visto pela sociedade?
- 2- Você lembra-se de como era a escola? Fardamento, brincadeiras?
- 3- Lembra-se de alguma professora? Como eram as práticas escolares dela?
- 4- Qual o período que você começou a estudar e o período que você terminou?
- 5- Como foi o seu primeiro contato com o GERJJC?
- 6- Lembra quais disciplinas você estudou no período?
- 7- Das quais mais gostava e menos gostava?
- 8- Haviam castigos físicos?
- 9- Fazia provas? Como eram?
- 10- Como eram as festas? (cívicas, festejos em geral)
- 11- Como era a convivência com os colegas, professora e demais funcionários?
- 12- Lembra os nomes de alguns colegas?
- 13- O que mais você sente saudade da escola?
- 14- O que mais marcou no período em que você foi aluno (a)?

Perguntas entrevista com Dona Ruth (ex-professora)

- 1- Qual seu nome e o nome dos seus pais?
- 2- Qual era a profissão dos seus pais
- 3- Onde nasceu?
- 4- Sempre morou em Malhador?
- 5- Quantos filhos a senhora têm?
- 6- Onde estudou?
- 7- Qual a relação da senhora com o GERJJC?
- 8- Como o GERJJC era visto pela sociedade?
- 9- Ao analisar os registros de alunos e funcionários percebi que o nome da senhora aparece em dois documentos. Em 1968 encontrei o seu nome na lista de alunos da 2ª série e em outro documento o nome da senhora se encontrava na lista de funcionários do mesmo ano. Gostaria de saber se essa informação é verídica?
- 10- Como foi o ingresso na profissão de professora?
- 11- Quem foram os gestores nesse período?
- 12- Havia curso de formação de professores?
- 13- Fale sobre a estrutura física da escola, salas, fachada.
- 14- Como eram suas aulas?
- 15- Lembra de alguns alunos? Fale um pouco sobre eles.
- 16- Quais as suas principais lembranças do GERJJC?

ANEXO A – Registro de Matrícula do Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso (1968)

Série: 1ª

Nº de Matrícula	Data da Matrícula	Nome do Aluno	Idade Completa
1.	24/02/1968	Jackson Melo Oliveira	09
2.	24/02/1968	Naelson Ferreira Santos	07
3.	24/02/1968	José Batista Viana	11
4.	24/02/1968	Manuel Oliveira Viana	09
5.	24/02/1968	José Juarez Ramos	10
6.	24/02/1968	Antonio Rubens Ramos	10
7.	24/02/1968	Jackson Ramos	07
8.	24/02/1968	Digenal Rodrigues Santos	08
9.	24/02/1968	José Audemir Menezes	10
10.	24/02/1968	Edinaldo José dos Santos	07
11.	24/02/1968	José Silva de Moura	08
12.	26/02/1968	Ariosvaldo Nunes Melo	09
13.	26/02/1968	José Oliveira Costa	10
14.	26/02/1968	João Oliveira Costa	08
15.	26/02/1968	José Josias dos Santos	10
16.	26/02/1968	Otevaldo Batista dos Santos	11
17.	26/02/1968	Valter Rubens dos Santos	11
18.	26/02/1968	Everaldo Faustino Cunha	10
19.	26/02/1968	Gilmar de Oliveira	09
20.	26/02/1968	Ermínio José dos Santos	11
21.	26/02/1968	José Messias dos Santos	11
22.	26/02/1968	Amilton Messias dos Santos	09
23.	26/02/1968	Dernival Messias dos Santos	07
24.	26/02/1968	Francisco F. da Cunha	08
25.	26/02/1968	Gilson Pedro Tavares	11
26.	26/02/1968	José Nascimento da Paixão	11
27.	26/02/1968	Astrogildo Santos Bezerra	10
28.	26/02/1968	Necílio Melo de Oliveira	08
29.	26/02/1968	Ivete Dias dos Santos	08
30.	26/02/1968	Marilene F. Santos	08
31.	26/02/1968	Angela Nunes de Melo	11
32.	26/02/1968	Maria de Lourdes Viana	11
33.	26/02/1968	Edinalva Menezes Oliveira	10
34.	26/02/1968	Marizete Menezes Oliveira	08
35.	26/02/1968	Marizelia Menezes Oliveira	08
36.	26/02/1968	Elinalva Menezes oliveira	09
37.	26/02/1968	Maria Ivonte Santana	09
38.	26/02/1968	Izabel Cristina Tavares Gomes	07
39.	27/02/1968	Maria Laudilene Oliveira	08

40.	27/02/1968	Maria de Lourdes Santos	11
41.	27/02/1968	Agda Maria Soares Bezerra	08
42.	27/02/1968	Maria Augusta Faro	07
43.	27/02/1968	Lourdensilva M. Moura	08
44.	27/02/1968	Maria Elizabete de Melo	11
45.	27/02/1968	Maria Suelí N. Melo	07
46.	27/02/1968	Maria José de Sá	11
47.	27/02/1968	Maria José de Menezes	08
48.	27/02/1968	Maria Elenilde Santos	07
49.	27/02/1968	Maria Lúcia Costa	11
50.	27/02/1968	Maria Aldenira Barreto	10
51.	27/02/1968	Maria Josefa Mendonça	08
52.	27/02/1968	Maria Cristina Mendonça	08
53.	27/02/1968	Maria Ivonete Mendonça	09
54.	27/02/1968	Maria José Mendonça	07
55.	27/02/1968	Valdemar S. de Jesus	10
56.	27/02/1968	Valter Rubens de Jesus	08
57.	27/02/1968	Valmir A. de Jesus	07
58.	27/02/1968	Raimundo J. dos Santos	08
59.	27/02/1968	Alexandre B. Almeida	08
60.	27/02/1968	Marcus Vinicius B. Almeida	08
61.	27/02/1968	José R. de Jesus	09
62.	27/02/1968	Valmir Vieira Santos	10
63.	27/02/1968	Antonio Carlos dos Reis	11
64.	27/02/1968	Elias F. Silva	09
65.	27/02/1968	Carlos A. Eliotério	08
66.	27/02/1968	José Vieira de Melo	10
67.	27/02/1968	José Valdez Lima	08
68.	27/02/1968	José Valter da Conceição	08
69.	27/02/1968	Orlando C. de Oliveira	08
70.	28/02/1968	Humberto S. Bezerra	08
71.	28/02/1968	José Claudio de Oliveira	09
72.	28/02/1968	José Antônio Oliveira	10
73.	28/02/1968	José Augusto da Cunha	08
74.	28/02/1968	José Carlos da Cunha	07
75.	28/02/1968	Jailton da Cunha	07
76.	28/02/1968	João Alves de Souza	07
77.	28/02/1968	Antônio S. Linhares	12
78.	28/02/1968	Edson S. Linhares	07
79.	28/02/1968	José S. Linhares	11
80.	28/02/1968	José Luiz S. Linhares	10
81.	28/02/1968	José Rubstent de Melo	07
82.	28/02/1968	Telma Maria da Invenção	11
83.	28/02/1968	Mamédia Santos	11
84.	28/02/1968	Valdemi Alves de Jesus	09
85.	28/02/1968	Maria Aparecida Aragão	07
86.	28/02/1968	Maria da Conceição Reis	07
87.	28/02/1968	Maria Soares Bezerra	10

88.	28/02/1968	Maria Arlete Oliveira	10
89.	28/02/1968	Cláudia Maria Lima	08
90.	28/02/1968	Ana Maria de Lima	10
91.	28/02/1968	Terezinha Vieira de Melo	10
92.	28/02/1968	Ivan Vieira Santos	09
93.	28/02/1968	Juvânia Chagas Lima	11
94.	28/02/1968	Jivaneide Chagas Lima	11
95.	28/02/1968	Miriam Feitosa Silva	08
96.	28/02/1968	Maria Auxiliadora Linhares	08
97.	28/02/1968	Josefa Silveira Linhares	07
98.	28/02/1968	Maria Constância Oliveira	11
99.	28/02/1968	Isabel Antônia de Jesus	07
100.	28/02/1968	Selma Antônia de Jesus	10
101.	28/02/1968	Maria de Fátima Santana	08
102.	28/02/1968	Maria Alves Bispo	08
103.	28/02/1968	Maria de Fátima Bispo	07
104.	28/02/1968	Maria do Carmo Silva	07
105.	28/02/1968	Maria do Carmo Oliveira	11
106.	28/02/1968	Maria Odinete Oliveira	10
107.	28/02/1968	Maria Lourdes de Oliveira	11
108.	28/02/1968	Maria Adineide Mendonça	08
109.	28/02/1968	Ana Maria Alves de Souza	08
110.	29/02/1968	Maria José Soares Bezerra	10
111.	29/02/1968	Maria Marluce Eliotério	09
112.	29/02/1968	Maria Marlene Eliotério	10
113.	29/02/1968	Maria do Carmo S. Bezerra	09
114.	29/02/1968	Maria Antônia Andrade	11
115.	29/02/1968	Maria Valdete Viana	11
116.	29/02/1968	Josefa de Oliveira	10
117.	29/02/1968	Valmira R. de França	11
118.	29/02/1968	Iraci Reis de França	10
119.	29/02/1968	Maria Valdilene R. de França	08
120.	29/02/1968	Ana Lucia Santos	08
121.	29/02/1968	Adalúcia Santos	07
122.	29/02/1968	Ivã Silva Cruz	09
123.	29/02/1968	Sônia Maria Silva Cruz	07
124.	29/02/1968	Rosimeia Silva Cruz	07
125.	29/02/1968	Maria Augusta Tôrres	09
126.	29/02/1968	Maria José Tôrres	11
127.	29/02/1968	Josefina de Oliveira	08
128.	29/02/1968	Acácia Maria Linhares	11
129.	29/02/1968	Marielze dos Santos	08
130.	29/02/1968	Maria Elenilde Reis de França	11
131.	29/02/1968	Ivanete de Souza	11
132.	29/02/1968	Maria Ivete de Souza	08
133.	29/02/1968	Dicelma Alves dos Santos	09
134.	29/02/1968	Diva Alves dos Santos	08
135.	29/02/1968	Denilsa Alves dos Santos	07

136.	29/02/1968	José Arnaldo de Jesus	08
137.	29/02/1968	José Júlio de Jesus	07
138.	29/02/1968	Arão Antônio de Jesus	08
139.	29/02/1968	José Alberto dos Santos	10
140.	29/02/1968	José Abelardo Menezes Santana	10
141.	29/02/1968	José Reginaldo F. Lima	08
142.	29/02/1968	João Francisco Vieira	09
143.	29/02/1968	José Francisco dos Santos	11
144.	29/02/1968	José Elinaldo dos Santos	10
145.	29/02/1968	José Elionaldo dos Santos	09
146.	29/02/1968	José Walter Santos	10
147.	29/02/1968		07
148.	29/02/1968	José Jair dos Santos	07
149.	29/02/1968	José Raimundo S. Cruz	11
150.	29/02/1968		11
151.	29/02/1968	José Ricardo Tôrres	10
152.	29/02/1968	José Augusto Tôrres	09
153.	29/02/1968		07
154.	29/02/1968	José Alves de Oliveira	12
155.	29/02/1968	José Francisco Oliveira	14
156.	29/02/1968	Salvador de Oliveira	15
157.	29/02/1968	Salomão de Oliveira	12
158.	29/02/1968	Paulo Alves de Jesus	08
159.	29/02/1968	Cândido Alves Filho	11
160.	29/02/1968	José Ivo de Souza	10
161.	29/02/1968	José Ivaldo de Souza	09
162.	29/02/1968		11
163.	29/02/1968	Maria Iraci Souza	11
164.	29/02/1968	Maria Suelí dos Santos	07
165.	29/02/1968	Maria Josefina de Jesus	11
166.	29/02/1968	José Galdino dos Santos	08
167.	29/02/1968	José Carlos dos Santos	11
168.	29/02/1968	José Arnaldo dos Santos	10
169.	29/02/1968	Antônio F. Santos	08
170.	29/02/1968	Maria Givalda dos Santos	08
171.	29/02/1968	Antônio Soares de Jesus	08
172.	29/02/1968	José Arnaldo dos Santos	09
173.	29/02/1968	Roberto F. da Cunha	11
174.	29/02/1968	Joãozinho Rodrigues Santos	10
175.	29/02/1968	Josefina Rodrigues Santos	09
176.	29/02/1968	Lêda Rodrigues Santos	08
177.	29/02/1968	Valdelino Teles dos Santos	11
178.	29/02/1968	Valdenira Teles dos Santos	10
179.	29/02/1968	Gerson Alves da Invenção	10
180.	29/02/1968	José Carlos Lima	08
181.	29/02/1968	José Rodrigues Lima	09
182.	29/02/1968	Maria da Glória Lima	10
183.	29/02/1968	José Carlos Lima	08

184.	29/02/1968	Maria Marivalda Lima	10
185.	29/02/1968	José Antônio Mendonça	08
186.	29/02/1968	Maria Altanir Mendonça	07
187.	29/02/1968	Maria Creuza dos Santos	07
188.	29/02/1968	Maria Lourdes Silva	10
189.	29/02/1968	Maria José da Silva	09
190.	29/02/1968	Marinalva da Silva	07
191.	29/02/1968	Almir Bispo Santos	
192.	29/02/1968	José Tavares N. Filho	
193.	29/02/1968	José Adenualdo Santos	
194.	29/02/1968	Everton Oliveira	
195.	29/02/1968	Everton Oliveira	
196.	29/02/1968	Weliton Oliveira Souza	
197.	29/02/1968	José Alealdo da Cunha	
198.	29/02/1968	Joãozinho da Cunha	
199.	29/02/1968	Humberto S. Oliveira	
200.	29/02/1968	Manuel Messias	

Série: 2ª

Nº de Matrícula	Data da Matrícula	Nome do Aluno	Idade Completa
1.	23/02/1968	Lêda Maria de Oliveira	12
2.	23/02/1968	Elenice Rodrigues Santos	13
3.	23/02/1968	Jovelina dos Santos	12
4.	23/02/1968	Antônia Maria Tavares Gomes	12
5.	23/02/1968	Maria Ivonete M de Oliveira	13
6.	23/02/1968	Maria Auxiliadora Menezes	12
7.	23/02/1968	Maria Aparecida Costa	13
8.	23/02/1968	Josefina Teles Menezes	12
9.	23/02/1968	Maria de Lourdes Costa	13
10.	23/02/1968	Maristelia Oliveira Costa	14
11.	23/02/1968	Maria de Lima Santos	13
12.	23/02/1968	Maria Josefina Santos	12
13.	23/02/1968	Maria Elenilde de Sá	13
14.	23/02/1968	Maria José dos Santos	15
15.	23/02/1968	Maria Marluce Santos	13
16.	23/02/1968	Maria José dos Santos	13
17.	27/02/1968	Maria de Lourdes Sá	12
18.	27/02/1968	Maria Josefina de Melo	14
19.	27/02/1968	Carmensilva Oliveira Melo	13
20.	27/02/1968	Maria José Menezes Santana	12
21.	27/02/1968	Maria Neilde dos Santos	13
22.	27/02/1968	Maria Givânia C. Lima	12
23.	27/02/1968	Maria Izabel de Melo	12
24.	27/02/1968	Eunice da Paixão	12
25.	27/02/1968	Valsir Alves da Invenção	15
26.	27/02/1968	Maria B. da Silva	14
27.	27/02/1968	Maria Eleuza do Espírito Santo	13
28.	27/02/1968	Lindinalva de Jesus	14

29.	27/02/1968	Maria Normelia de Jesus	14
30.	27/02/1968	Maria Creuza de Jesus	14
31.	27/02/1968	Ivanda Soares Bezerra	14
32.	27/02/1968	Maria Nativa de Oliveira	13
33.	27/02/1968	Maria do Carmo de Jesus	13
34.	27/02/1968	Rute Alves de Mendonça	12
35.	27/02/1968	Maria Nasma dos Santos	13
36.	27/02/1968	Maria Izabel de Jesus	10
37.	27/02/1968	Maria Magnalia Tôrres	15
38.	27/02/1968	Maria Jose Alves de Jesus	14
39.	27/02/1968	Maria Izabel Teles	11
40.	27/02/1968	Maria de Lourdes Cunha	16
41.	29/02/1968	José Valter S. Santos	10
42.	29/02/1968	José Audemi Barreto	15
43.	29/02/1968	Arionaldo Barreto	12
44.	29/02/1968	José Valter Vieira	12
45.	29/02/1968	José Antônio Vieira	14
46.	29/02/1968	Gilmarcos Vieira de Melo	12
47.	29/02/1968	José Vilson de Sá	13
48.	29/02/1968	Israel Antônio de Jesus	11
49.	29/02/1968	José Messias Menezes Santana	10
50.	29/02/1968	Marcos Henria B. Almeida	08
51.	29/02/1968	José Vicente Filho	11
52.	29/02/1968	José Ferreira da Cunha	12
53.	29/02/1968	Manuel A. de Araujo	14
54.	29/02/1968	José Jailse dos Santos	13
55.	29/02/1968	Nelson A. M. Santos	12
56.	29/02/1968	Ezequias Feitosa	11
57.	29/02/1968	José Valter da Macena	11

Série: 3ª

Nº de Matrícula	Data da Matrícula	Nome do Aluno	Idade Completa
1.	23/02/1968	José Idalécio Ramos	12
2.	23/02/1968	Manuel da Paixão Alves	15
3.	23/02/1968	José Roberto A. Santos	13
4.	23/02/1968	José Valter Santos	14
5.	23/02/1968	Eraldo Alves dos Santos	15
6.	23/02/1968	José Mario Moura Santana	14
7.	23/02/1968	Filadelfio de Macena	14
8.	23/02/1968	José Romualdo F. Lima	13
9.	23/02/1968	José Ferreira da Cunha	14
10.	23/02/1968	Edvaldo Campos Oliveira	13
11.	23/02/1968	Gerson de Oliveira	14
12.	23/02/1968	Francisco Reis de França	14
13.	23/02/1968	José Heunaldo Vieira	13
14.	23/02/1968	José Messias de Souza	14
15.	23/02/1968	José Wilson Santos	13
16.	23/02/1968	Marcos Augusto B. Almeida	10

17.	27/02/1968	José Domingos Oliveira	13
18.	27/02/1968	Ovilete Josefa de Santana	13
19.	27/02/1968	Maria Dilma de Menezes	14
20.	27/02/1968	Iolanda M. de Oliveira	15
21.	27/02/1968	Maria Janete de Oliveira	13
22.	27/02/1968	Maria Claudinete Faro	10
23.	27/02/1968	Oneide Maria Bispo	09
24.	27/02/1968	Marinalva F. Lima	10
25.	27/02/1968	Maria Aparecida da Invenção	13
26.	27/02/1968	Marlene Maria Gonzaga	14
27.	27/02/1968	Odenilde O. dos Santos	14
28.	29/02/1968	Nelma Antonia de Jesus	12
29.	29/02/1968	Maria América dos Santos	14
30.	29/02/1968	Maria B. de Oliveira	15
31.	29/02/1968	Maria Valdelice de Jesus	12
32.	29/02/1968	Teresinha Silveira Linhares	15
33.	29/02/1968	Maria José Viana	15
34.	29/02/1968	Cristina Maria de Jesus	14
35.	29/02/1968	Maria do Carmo Santos	14
36.	29/02/1968	Josefa Rodrigues Santos	14
37.	29/02/1968	Maria José Vieira	14
38.	29/02/1968	Vilma Chagas Lima	15

Série: 4^a

Nº de Matrícula	Data da Matrícula	Nome do Aluno	Idade Completa
1.	23/02/1968	Luiz de Oliveira	12
2.	23/02/1968	José Edelsio de Santana	15
3.	23/02/1968	Humberto Silva de Oliveira	14
4.	23/02/1968	José Elias Santos	13
5.	23/02/1968	João Ferreira da Cunha	15
6.	24/02/1968	Antônio Milton Soares	15
7.	24/02/1968	Valdivio Teles dos Santos	16
8.	24/02/1968	Maria Nazaré de Oliveira	16
9.	24/02/1968	Lilda Maria de Sá	14
10.	24/02/1968	Marta Helena B. Almeida	10
11.	24/02/1968	Maria GildeteGoes	14
12.	24/02/1968	Genilde Soares Bezerra	13
13.	23/02/1968	Maria Letícia Menezes	13
14.	23/02/1968	Izabel Oliveira Costa	15
15.	27/02/1968	Maria Izabel Rodrigues	17
16.	27/02/1968	Maria Josefina T. Santos	13
17.	27/02/1968	Maria Elenice Sá	15
18.	27/02/1968	Maria Pureza Moura Santana	13
19.	27/02/1968	Maria Bernadete Faro	16
20.	27/02/1968	José Tenório Neto	15
21.	27/02/1968	Antônio Ferreira Lima	15
22.	27/02/1968	Irani Soares Bezerra	15

23.	27/02/1968	Maria Silveira Linhares	17
24.	27/02/1968	Maria audemi Santos	15
25.	27/02/1968	Alcione Maria Bezerra	--

Obs.: Não foi possível identificar a data de nascimento da aluna Alcione Maria Bezerra (nº de matrícula 25), pois o documento que consta esse registro se encontra danificado.